



IV ENA

ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

CADERNO

3

MEMÓRIAS DO IV ENA

O FAZER COLETIVO
DA AGROECOLOGIA:

METODOLOGIAS,
PROCESSOS COLABORATIVOS
E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

E56m Encontro Nacional de Agroecologia (4.: 2018:
 Belo Horizonte)
 Memórias do IV Encontro Nacional de
Agroecologia : agroecologia e democracia unindo
campo e cidade. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2021.
872 p. : il. color. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-87116-33-8

1. Agricultura - Brasil - Congressos. 2.
Ecologia agrícola - Brasil - Congressos. 3.
Agricultura sustentável - Congressos. 4.
Democracia - Brasil - Congressos. I. Articulação
Nacional de Agroecologia (Brasil). II. Título.

488 630.27450981



BH/MG • 31/maio a 3/junho de 2018

MEMÓRIAS DO IV ENA

**O FAZER COLETIVO
DA AGROECOLOGIA:
METODOLOGIAS,
PROCESSOS COLABORATIVOS
E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE**

CADERNO 3

A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento *Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA)* seja citado como fonte.

A versão eletrônica deste documento está disponível no site www.enagroecologia.org.br, onde também se encontram materiais complementares sobre o IV ENA, incluindo vídeos, fotos, reportagens e painéis de facilitação gráfica.

MEMÓRIAS DO IV ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (IV ENA)

CADERNO 3

O Fazer Coletivo da Agroecologia:

Metodologias, processos colaborativos e diálogo com a sociedade

Coordenação editorial

Flavia Londres

Sistematização, redação e edição

Angélica Almeida

Marcelo Almeida

Natália Almeida

Revisão técnica

Flavia Londres

Denis Monteiro

Viviane Brochardt

Revisão de texto

Consultexto, Gilka Resende, Hugo Maciel

Projeto gráfico, capa, tratamento de imagens e diagramação

Mariana Fonseca

Ilustração de capa

Letícia Abelha

Fotos

Arquivo Cobertura Colaborativa do IV ENA: Ana Flávia, Angélica Almeida, Aquiles Castro, Caio Santos, Camila Teixeira, Carú Dionísio, Cecília Figueiredo, Cintia Barenho, Clara Comandolli de Souza, Cris Guimarães, Cristiane Machado, Dowglas Silva, Eduardo di Napoli, Eliane Barros, Élide Galvão, Eudes Costa, Fábio Maciel, Gilka Resende, Gisele Ramos, Guilherme Assis, Helena Zelic, Ian Lara, Indi Gouveia, João Marcos Nunes, Juliano Vilas Boas, Kayke Quadros, Laira Carnelós, Leandro Bugni, Leonardo Koury, Lucas Abaporã Bois, Luiza Damigo, Luna Layse Almeida, Márcio Andrade, Marlene Antônia, Maysa Leão, Nádia Nicolau, Natália Alves, Nívea Martins, Paolo Marti G. P. de S. Viola, Paulo Castiglioni, Pedro Kolping, Pedro Lovisi, Raiane Mechetti, Robervania Cunha, Sandra Ribeiro, Sidivaldo Júlio Raimundo, Thaynara Policarpo, Tony Marlon, Upslon, Viviane Brochardt e Wanessa Marinho

Contribuições para o Caderno 3

Angélica Almeida, Anna Crystina Alvarenga, Antonio Dias, Bruna Pardini, Christina Grupioni, Cristiane Oliveira, Danúbia Gardênia, Denis Monteiro, Douglas Lopes, Fernando Rangel, Flavia Londres, Giuseppe Bandeira, João Sobral, Júlio Pacheco, Laura Barroso, Leosmar Antônio, Lorena Anahi, Luísa Melgaço, Luiz Filho, Marcelo Almeida, Mariana Fonseca, Míriam Nobre, Natália Almeida e Raro de Oliveira

As fichas de sistematização das metodologias foram elaboradas coletivamente durante a Oficina de Imersão – Cadernos do IV ENA, realizada em dezembro de 2018. Essa oficina reuniu cerca de 20 pessoas representantes das supercomissões de trabalho, da secretaria executiva e das plenárias do IV ENA (mulheres, juventudes e indígenas), além da Secretaria Executiva da ANA e da equipe de sistematização dos cadernos. Algumas pessoas não participaram da oficina, mas contribuíram posteriormente com a revisão dos textos.

Tiragem

450 exemplares

SUMÁRIO

07

MEMÓRIAS DO IV ENA
JUNTAR CACOS PARA
CONSTRUIR VITRAIS

09

APRESENTAÇÃO DO IV ENA
MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR

11

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO:
COMO OS CADERNOS ESTÃO
ORGANIZADOS?
APRESENTAÇÃO DO PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO E DO
CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

12

MAPA DE CADERNOS

14

A IDENTIDADE DOS CADERNOS:
MEMÓRIAS DAS MULHERES

15

QUEM SÃO AS MULHERES
QUE INSPIRAM O QUADRO

17

COMO USAR ESTES CADERNOS?

19

O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA
FAZER JUNTAS E JUNTOS, POR QUÊ?

22

POR QUE INTERESSA À SOCIEDADE
APOIAR A AGROECOLOGIA?

24

COMO ESTE CADERNO ESTÁ ORGANIZADO?

38

AMBIENTES QUE CONSTRUÍRAM
O MOSAICO DA PROGRAMAÇÃO

26

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS
DO IV ENA

45

PROCESSOS, CUIDADOS E
FERRAMENTAS DE TRABALHO

26

IV ENA: COERÊNCIA ENTRE
DISCURSO E PRÁTICA

50

DESTAQUES
OUSADIAS E INOVAÇÕES

28

NOSSOS PRINCÍPIOS:
O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA

50

FICHAS DE SISTEMATIZAÇÃO:
MÉTODOS E CAMINHOS INSPIRADORES

35

ÁRVORE DOS PRINCÍPIOS
METODOLÓGICOS DO IV ENA

52

ABERTURA ARTÍSTICO-POLÍTICO-CULTURAL

36

VARAL DE METODOLOGIAS

54

BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO
COMO ATO POLÍTICO

56

ESPAÇO DA SAÚDE

58

BAMBUZARIA DA REFORMA AGRÁRIA

60

COMUNICAÇÃO E CULTURA

62

RIO DA VIDA DAS MULHERES

66

ACAMPAMENTO DAS JUVENTUDES

68

ENCONTROS REGIONAIS DE
AGROECOLOGIA (ERÊS)

70

ORNAMENTAÇÃO

72

LIXO ZERO – RECICLAGEM POPULAR

74

FEIRA SABERES E SABORES

76

ACOLHIDA, CUIDADOS E CREDENCIAMENTO

78

APRENDIZADOS E INSPIRAÇÕES:
PARTILHANDO DESAFIOS E
REFERÊNCIAS

78

PARTILHA DE APRENDIZADOS:
DESAFIOS E POTENCIALIDADES

80

INSPIRAÇÕES – REFERÊNCIAS
TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

MEMÓRIAS DO IV ENA

JUNTAR CACOS PARA CONSTRUIR VITRAIS



AQUI ESTÃO REUNIDAS ALGUMAS MEMÓRIAS DE UM PROCESSO DIVERSO, DESCENTRALIZADO E PLURAL QUE OCUPOU E COLORIU AS RUAS DE BELO HORIZONTE (MG), MAS QUE, SOBRETUDO, MOBILIZOU DIFERENTES TERRITÓRIOS DO PAÍS.

Segundo Ecléa Bosi — mulher estudiosa das histórias e das recordações —, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

E foi a partir de muito trabalho coletivo que esta publicação ganhou corpo; um trabalho desafiador de reconstruir os vitrais¹, os fios e os diversos caminhos percorridos na construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Ecléa fala da memória, essa capacidade de conservar, lembrar e percorrer o vivido. Após 17 anos do nosso encontro no Rio de Janeiro (RJ), 12 anos depois do nosso encontro no Recife (PE) e 4 anos após o nosso encontro em Juazeiro (BA), realizamos novamente, em um contexto político tão desafiador, um processo nacional iluminado por um movimento descentralizado e coletivo.

Mesmo que você não tenha estado presencialmente no IV ENA, o convite aqui é para que escolha um lugar no Parque Municipal de Belo Horizonte para estar e para, pelo menos por alguns minutos, permitir-se algumas sensações. Ainda que nem todas e todos conheçam as ruas e os contornos da capital mineira, a terceira maior metrópole do país, é possível, de alguma forma, ouvir os tambores e ver as cores das bandeirolas entre árvores e bambus; é possível também contemplar e se maravilhar com a diversidade de pessoas, de saberes, de sabores, de “esperançares” vindos de norte a sul do Brasil.

Se esteve presente, procure a primeira memória, quem sabe a mais forte, a que mais emocionou você, e, a partir dela, percorra os momentos vividos durante aqueles dias. Sente-se, feche os olhos, respire fundo e deslize pelas páginas a seguir revivendo os

1. O subtítulo deste texto tem inspiração no texto Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais, de Elza Falkembach (disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3139554/mod_resource/content/1/Juntando%20cacos,%20construindo%20vitrais%20-%20Elza%20Maria%20Fonseca.pdf).

gostos e cheiros, lembrando os abraços dos reencontros, os sorrisos e acenos vindos de longe, do outro lado da multidão.

Essa diversidade fez de Belo Horizonte território de encontro para celebrar resistências e afirmar nossa força coletiva. Mesmo sem ter estado fisicamente no IV ENA, é possível sentir o coração aquecer e pulsar pela agroecologia, pela democracia, pela terra e pela defesa de tantos direitos ameaçados.

Organizada em sete cadernos, a sistematização do IV ENA é, assim, um convite para que possamos reviver e nos reencontrar com pessoas, sentimentos, desafios, denúncias, potências e muitos outros processos que compuseram um balaio diverso de atividades e lembranças.

Com a certeza de que qualquer mergulho neste processo seria incompleto, nossa sistematização foi artesanal. Exigiu bricolagens, novas pesquisas e escutas, idas e vindas aos vídeos e às fotos. Esforços grandes, mas seguros de sua incapacidade de retratar a riqueza de momentos, processos e conteúdos tão diversos e imersos em distintas complexidades e cuidados.

Este conjunto de cadernos é um presente à cidade de Belo Horizonte, que acolheu de braços abertos a construção desse território agroecológico e que se desafiou, neste contexto político e financeiro tão adverso, a receber muito mais de 2 mil pessoas no

Parque Municipal Américo Renné Giannetti, no Plug Minas e em vários cantos, casas e praças. É também um presente aos territórios, às mulheres, às juventudes, aos povos e às comunidades tradicionais que, com força e coragem, fizeram do IV ENA um sonho possível.

A capa de cada caderno, suas ilustrações e seu percurso de construção representaram desafios que compartilhamos com muito cuidado. Esperamos que este conjunto de cadernos desperte, remexa e conecte as memórias e as experiências que cada uma e cada um carrega, além de fortalecer os anúncios que as organizações, os coletivos e os movimentos sociais envolvidos neste bonito processo desejam visibilizar.

Em tempos de tantos retrocessos, desafios e medos, em que nossas memórias estão sendo apagadas, partilhar histórias tecidas pelo povo na construção de alternativas aos modelos predatórios de produção de alimentos e da vida nos parece um dos nossos compromissos políticos e pedagógicos na construção da nossa resistência.

Mais à frente, os textos apresentam melhor o IV ENA e o processo coletivo que tornou possível esta publicação. Desejamos um ótimo passeio pelas nossas memórias.

Com muito carinho,

Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)

APRESENTAÇÃO DO IV ENA

**MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR!**

BELO HORIZONTE (MG) PRESENCIOU, ENTRE OS DIAS
31 DE MAIO E 3 DE JUNHO DE 2018, A CULMINÂNCIA DE
UM INTENSO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA AGROECOLOGIA E
DA DEMOCRACIA CONSTRUÍDO POR MÚLTIPLOS ATORES QUE
COMPÕEM A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA)
NOS MAIS DIVERSOS CONTEXTOS SOCIOAMBIENTAIS DO BRASIL.

Evocando os 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988 e em torno do lema *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) reuniu, na capital mineira, mais de 2 mil participantes, além de aproximadamente 40 mil moradoras/es, que visitaram os espaços abertos do evento.

Corpos, cores, cheiros, sotaques, sabores, quereres e saberes de todos os estados brasileiros ocuparam o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, ganhando centralidade, em meio à profusão de experiências, ao protagonismo das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo, das florestas, das águas e das cidades. Enredadas/os na mesma construção do bem viver, marcaram presença no encontro povos indígenas de 38 etnias, quilombolas, camponesas/es, extrativistas, pescadoras/es,

faxinalenses, agricultoras/es familiares rurais e urbanas/os, geraizeiras/os, sertanejas/os, vazanteiras/os, quebradeiras de coco, caatingueiras/os, criadoras/es em fundos e fechos de pasto, seringueiras/os, representantes de comunidades ribeirinhas, de povos tradicionais de matriz africana e de povos de terreiro. Também participaram técnicas/os, educadoras/es, pesquisadoras/es, extensionistas e estudantes, gestoras/es públicas/os, representantes da cooperação internacional e aliadas/os da agroecologia vindas/os de 14 países da América Latina, do Caribe e da Europa.

Com 70% do público composto por agricultoras/es familiares, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, o IV ENA aconteceu com participação paritária entre mulheres e homens, valorizando, de forma expressiva, a presença das juventudes.

Ao longo dos seus quatro dias de realização, a programação do Encontro contou com mais de 100 atividades, incluindo plenárias, seminários temáticos, tendas com instalações artístico-pedagógicas dos territórios, vivências e oficinas autogestionadas. Também foram promovidos a *Feira Saberes e Sabores*, a *Feira da Agrobiodiversidade*, o *Espaço da Saúde*, a *Ciranda Infantil* e apresentações artístico-culturais.

A efervescência de todo esse caldo político e cultural ganhou as ruas de Belo Horizonte em um ato público em favor da agroecologia e da democracia, seguido de uma farta partilha no *Banquete Popular Agroecológico*, que selou o Encontro.

Não só nos dias do IV ENA, mas também nos encontros regionais, estaduais e locais preparatórios, a expressão dessa construção coletiva, descentralizada e diversa reverberou nos diferentes territórios, dando visibilidade às experiências de sujeitos que resistem denunciando as ofensivas do modelo de desenvolvimento dominante e anunciando a potência dos

seus modos de existir, produzir e de defender o bem viver.

Para preservar a memória desse rico processo que transbordou nos dias do IV ENA e que permanece gerando frutos, preparamos uma coletânea de registros que conta os desafios e aprendizados desse importante fórum de agroecologia e seus legados para o movimento agroecológico brasileiro. São cadernos que trazem as vozes e diversidades da agroecologia, com o propósito de fazer emergir diferentes pautas, sentidos políticos, convergências e disputas travadas em torno da sustentabilidade da vida.

Esperamos que esta leitura possa despertar o desejo de um Brasil cada vez mais agroecológico — no pleno sentido do projeto de sociedade engendrado pela Articulação Nacional de Agroecologia e por seus sujeitos —, bem como inspirar e animar iniciativas diversas de construção de outra realidade possível: justa, democrática e solidária!

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: COMO OS CADERNOS ESTÃO ORGANIZADOS?

APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DO CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito.

Ecléa Bosi

Neste processo de construção das memórias do IV ENA, a sistematização como um potente processo de registro, organização de conteúdo e de partilha sensível dos nossos aprendizados coletivos tornou-se para nós uma oportunidade de colher histórias e registros para além da feitura de um relatório.

Estes cadernos nasceram da preocupação da Secretaria Executiva e do Coletivo Nacional de Comunicação da ANA em construir um documento acessível, lúdico e com um investimento afetivo e técnico que pudesse partilhar um material com capacidade de diálogo com a sociedade — transbordando nossos campos mais convencionais de comunicação e “falando” para fora das nossas fronteiras de interação.

Com isso, optamos por investir energia em um material didático, no formato de caderno, afastando-nos um pouco da ideia inicial de anais — publicação extensa e co-

mumente usada para registrar encontros e eventos acadêmicos. Arriscamo-nos, assim, a produzir um material interativo, que se desafiasse a estar mais próximo às pessoas e mais presente em nosso cotidiano de trabalho, atuação, estudo e criação.

Cadernos possíveis de rabiscar, recriar, ajustar e comprometidos com esse desafio sempre incompleto de criar “escutadores”, como brinca Ecléa Bosi na epígrafe que abre esta apresentação. Cada relatoria, oficina, conversa, foto e vídeo reabriu uma caixa infinita de histórias. Por isso, temos certeza da incompletude deste material.

Outra aposta foi construir um conjunto de cadernos que impulsionassem outros processos pedagógicos e políticos nos territórios. Cadernos de memórias desenhados para serem disparadores de outras histórias e lembranças, reativando a potência do processo de construção do IV ENA.

Cadernos estes só possíveis pela colaboração de muitas mãos, rascunhados e palavrados por representantes de comissões diversas, em momentos e situações distintas. Esse material começou a ser sonhado coletivamente no Rio de Janeiro, em uma reunião no dia 10 de agosto de 2018, com parte da Comissão Organizadora do IV ENA, e, desde então, envolveu uma equipe composta por quatro pessoas, além da parceria atenta da Secretaria Executiva da ANA. Pessoas que mobilizaram muitas outras, em reconhecimento de que seria impossível sistematizar e expressar a beleza e força do Encontro sem partilhar seus princípios coletivos, descentralizados e diversos de construção.

Assim sendo, dois espaços presenciais mais ampliados foram convocados para reunir múltiplas cooperações: uma oficina sobre a alimentação e o *Banquete* do IV ENA, no dia 26 de outubro de 2018, em Belo Horizonte; e uma oficina de imersão, com pessoas das diferentes comissões organizadoras do Encontro, nos dias 6 e 7 de dezembro do mesmo ano, em Prudente de Moraes (MG), para compartilhar e revisar coletivamente o material até então elaborado, e também para colher complementações. Mantendo ainda, de forma permanente, diálogos virtuais e presenciais com essas/es e outras/os representantes.

MAPA DOS CADERNOS



CADERNO 1 – AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM A AGROECOLOGIA E SE ENTRELAÇAM NA ANA

Esse fascículo contextualiza as raízes que sustentam o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) e apresenta a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a trajetória dos encontros nacionais para, então, adentrar a experiência do Encontro, sua constituição, sua realização, seus balanços e seus aprendizados.



CADERNO 2 – SENTIR, PENSAR E AGIR: O PROCESSO PREPARATÓRIO

Apresenta o intenso desenrolar de reflexões e ações que resultaram no IV ENA em Belo Horizonte. Além das estratégias, dinâmicas e atividades construídas pelas comissões organizadoras e supercomissões de trabalho, o Caderno 2 traz também alguns dados, histórias, desafios e aprendizados do processo preparatório do Encontro.



CADERNO 3 – O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA: METODOLOGIAS, PROCESSOS COLABORATIVOS E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Partilha aprendizados sobre o processo de construção metodológica do IV ENA, apontando alguns dos seus princípios, e sistematiza em fichas-resumo algumas das diversas atividades que desenharam a programação do Encontro.



CADERNO 4 – SUJEITOS COLETIVOS: PROCESSOS AUTO-ORGANIZADOS E AS PLENÁRIAS NO IV ENA

Apresenta os principais diálogos construídos pelas mulheres, juventudes, indígenas e quilombolas em seus processos auto-organizados preparatórios ao IV ENA, bem como em suas plenárias ao longo do Encontro.



CADERNO 5 – SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO IV ENA: SEMEANTEIRAS DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Compartilha as experiências e reflexões de 14 atividades temáticas que aconteceram simultaneamente no IV ENA. Os temas que serviram de referência para cada seminário foram escolhidos devido ao potencial de aglutinar debates referentes à construção da agroecologia no Brasil e, dessa forma, catalisar novas aprendizagens e propostas de ação.



CADERNO 6 – A VOZ DOS TERRITÓRIOS: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

Esse é o caderno que colhe os frutos, as memórias, os anúncios e as denúncias que pulsam em diversos territórios. Seminários territoriais construídos a partir das *Instalações Artístico-Pedagógicas* são a matéria-prima dessa publicação, que traz sínteses, em mapas e tabelas, que reúnem as mais de 47 experiências agroecológicas socializadas durante as atividades.



CADERNO 7 – AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM

Esse caderno fecha ou abre, dependendo do ponto de vista, o ciclo de memórias do IV ENA. Expressa, em imagens, depoimentos, números e emoções, o processo de construção do Encontro e o colorido de seus dias.

A IDENTIDADE DOS CADERNOS: MEMÓRIAS DAS MULHERES

O conceito proposto retrata em uma só tela sete mulheres cujas presença e liderança foram essenciais para a construção do IV ENA. A proposta foi de a tela servir como uma obra de arte em si mesma, mas também como ilustrações individuais de capa para os sete cadernos que compõem esta coletânea.

Essas mulheres representam, cada uma a seu modo, o coração do movimento agroecológico no Brasil. Conhecer um pouco de suas vidas e lutas nos últimos meses foi um sopro de esperança no cenário atual, tão propício a retrocessos e tão ameaçador para a vida desta terra que nos sustenta. Uma lembrança oportuna de quem realmente alimenta este país.

A intenção ao retratá-las, além da homenagem a personalidades específicas, é mostrar o rosto real das lutas agrárias, ambientais e sociais no Brasil — o que muitas vezes é perdido em meio aos ainda enraizados preconceitos e institucionalismos. São femininas as mãos que plantam nosso solo; negras, LGBTI+s, quilombolas, indígenas, curandeiras, camponesas e muito mais. Assim tem sido por toda a nossa história, e esse é um pequeno esforço no caminho do reconhecimento e da valorização do povo que verdadeiramente vive pelas terras brasileiras. Não para esgotar seus recursos de maneira predatória e gananciosa, mas para que elas floresçam, prosperem e alimentem com saúde suas filhas e seus filhos.



Esses rostos foram retratados em meio à natureza, que também protagoniza a agroecologia, entre rios, animais e plantas, que são verdadeiras riquezas deste país. Mananciais de vida que a terra tão generosamente oferece e que, nessa delicada e complexa teia socioambiental, tecem a manta necessária para nossa existência. As bandeirolas, as mandalas de sementes e o rio da vida são elementos afetivos

que simbolizaram o IV ENA, lembrando o Encontro construído a muitas mãos, a festa da celebração dos nossos esforços por uma vida mais saudável e harmônica. Um retrato possível do Brasil em suas cores e lutas tão variadas — as quais, nesta vasta extensão territorial, resistem de norte a sul. Que os frutos se multipliquem e que a terra esteja sempre fértil para o plantio de nossas esperanças!

QUEM SÃO AS MULHERES QUE INSPIRAM O QUADRO

JOANA FERNANDES SEBBEN: representante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) da região oeste de Santa Catarina (SC). Joana é uma das entrevistadas do curta-metragem *Mulheres da Terra*, produzido pela Plural Filmes. Ela conta das experiências com sementes e da resistência da mulher camponesa no Sul do Brasil (Capa do Caderno 1).

MAYÓ PATAXÓ: terapeuta indígena da Aldeia Pataxó Nova Coroa (BA). É parceira e liderança em processos terapêuticos nos encontros de agroecologia, principalmente em Minas Gerais, onde anima uma cooperativa voltada aos cuidados, dentre os quais se destaca a Troca de Saberes, na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (Capa do Caderno 2).

JULIANA DE MEDEIROS DINIZ: agricultora urbana de Magé (Região Metropolitana do Rio de Janeiro). É integrante do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj) e da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU) e criadora, entre tantas magias, da farinha de jiló (Capa do Caderno 3).

AMANDA XUKURU: Amanda Leite Santos tem 24 anos e é mais conhecida no seu povo como Amanda Xukuru. Mora no território indígena Xukuru do Ororubá, na aldeia Capim Planta, na cidade de Pesqueira (PE). Faz parte do coletivo Juventude Xukuru do Ororubá Poyá Limolaygo (*Pé no Chão*). Kursou Agroecologia no Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), em Ibimirim (PE) (Capa do Caderno 4).

APARECIDA ARRUDA: mais conhecida como Tatinha, cultiva ervas, produz remédios caseiros de plantas medicinais e lanches naturais no Ervanário São Francisco, em Belo Horizonte, e compartilha seus conhecimentos em oficinas e cursos, bem como na Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau), da qual participa desde o seu início, em 2004 (Capa do Caderno 5).

DONA DIJÉ: Maria de Jesus Bringelo: mulher quilombola, maranhense, mãe e avó, quebradeira de coco-babaçu e fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); liderança dos povos e comunidades tradicionais, fez sua passagem em setembro de 2018 (Capa do Caderno 6).

ALESSANDRA MUNDURUKU: jovem líder do povo Munduruku na Amazônia brasileira. Alessandra se juntou à luta de sua comunidade por sobrevivência quando esta foi ameaçada pela inundação do projeto da megabarragem da Usina Hidrelétrica do Tapajós, no Pará (Capa do Caderno 7).

COMO USAR ESTES CADERNOS?

*É do presente que parte o chamado
ao qual a lembrança responde.*

Henri Bergson

Ao longo de todos os cadernos, buscamos relembrar a sensível conexão entre discurso e prática. Esperamos que esta publicação possa colorir as prateleiras de organizações, universidades e bibliotecas, mas ir além.

Para nós, partilhar este conjunto de cadernos, desta forma, é mais uma maneira de reforçar a potência da agroecologia de construir novas relações, cuidados, formas de diálogo e ação política.

Listamos brevemente algumas poucas e singelas ideias que podem ser acionadas, além de muitas outras, para que todas e todos nós possamos assumir, nas nossas localidades, colégios, escolas, assentamentos, fóruns, Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) e feiras (entre outros muitos espaços nos quais estamos presentes), esse compromisso coletivo de lançar em muitos ventos e terrenos férteis as sementes disseminadas no IV ENA:



enagroecologia.org.br

- Organizar lançamentos dos cadernos em espaços públicos, mesclando a apresentação do material com a exibição de vídeos, com celebrações musicais e gastronômicas.
- Realizar banquetes populares em espaços públicos.
- Fazer *releases* e divulgar o material na imprensa local, em sites e jornais regionais, promovendo entrevistas.
- Utilizar parte do material como referência de estudo em aulas, oficinas e palestras.
- Construir jornais murais síntese dos cadernos e expor nas comunidades rurais e urbanas.
- Promover rodas de mulheres para leitura de seções especiais.
- Elaborar varais, spots de rádio e exposições fotográficas com trechos, imagens e depoimentos dos cadernos.
- Visitar o site **Agroecologia em Rede** e inserir novos relatos e experiências no mapa de anúncios e denúncias.

JOVEM
QUE OUSA
LUTAR
CONSTRÓI
O PODER
POPULAR!

A CAUSA
INDÍGENA
É DE
TODXS
NÓS

COMIDA
DE VERDADE
NO CAMPO
E NA CIDADE



ÁGUA
VALE
MAIS QUE
MINÉRIO



O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA

FAZER JUNTAS E JUNTOS, POR QUÊ?

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma, transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.”

Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura
Campinas, novembro de 1981

O IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi um processo que envolveu inúmeros grupos, práticas e experiências de agroecologia. Além das mais de 2 mil pessoas inscritas, estima-se que, em média, mais de 10 mil pessoas tenham circulado por dia pelo Parque Municipal Américo Renné Giannetti, pela feira e pelas atividades simultâneas que embalsamaram a programação.

Quem passava pelos arredores do Parque via e sentia — mesmo de longe — o colorido das estruturas que se entrecruzavam em jardins, ambientes e atividades cotidianas que, silenciosamente, dão contorno à vida deste pedaço único da cidade de Belo Horizonte (MG).

O colorido dos estandartes, das fitas e das bandeiras de luta se estendia ao longo das geodésicas de bambu e dos outros espaços que construíram esse imponente e itinerante território agroecológico no meio da terceira maior metrópole do Brasil.

Por detrás dessas superfícies do Encontro, há raízes profundas de processos coletivos e desafios metodológicos que dão sustentação aos ENAs e que, nesta experiência de 2018, ganharam novos contornos com a construção deste IV ENA belo-horizontino.

Marcados pela diversidade, pelo diálogo e pela acomodação de diferentes interesses e modos de ação, os ENAs guardam desafios históricos e constantes, inerentes a um processo nacional construído por tantas mãos.

A diversidade de metodologias, ambientes e grupos deu forma não só à programação dos 4 dias do Encontro, mas a cada um dos processos preparatórios (registrados no Caderno 2) que compuseram o itinerário de ações nesse mosaico de processos coletivos que desaguaram em Belo Horizonte.

Assim, não seria possível contar a história de realização e construção do IV ENA sem registrar a trajetória de metodologias acionadas conjuntamente para a estruturação desses diferentes momentos.

Ao reconhecer e valorizar práticas agrícolas enraizadas no manejo ecológico e no reconhecimento das culturas populares, **a agroecologia estimula a diversidade e a construção coletiva não só de técnicas produtivas, mas de diálogos e processos.** Essa construção se materializa no fomento de práticas associadas ao respeito aos ecossistemas, mas sobretudo demonstra a coerência entre discurso e prática em diferentes escalas, estruturas e ações. Assim, não é por acaso que, neste caderno, vamos transitar por temas que tratam das bioarquiteturas até o ato artístico-político-cultural de abertura do Encontro.

Nesta caminhada, parte-se do pressuposto de que não há saberes maiores ou melhores do que outros, há saberes diferentes, como bem dizia Paulo Freire. Dessa forma, o cuidado com os processos coletivos ganha o centro das práticas e, como não poderia ser diferente, é preciso avançar, mas é preciso avançar juntas/os.

Ao entender a agroecologia como ciência, movimento e prática tecida por diferentes sujeitos, é preciso que estudantes, agricultoras/es, representantes de comunidades tradicionais, assessoras/es técnicas/os, gestoras/es públicas/os e pesquisadoras/es possam reconhecer seus diferentes lugares de fala, suas distintas condições de ação e a potência do trabalho construído coletivamente.

A agroecologia, portanto, também diz respeito às “novas” estratégias de produção do conhecimento, ensino e aprendizagem, ou melhor, trata da diversidade de caminhos que não os convencionalmente apresentados como hegemônicos para o ato de aprender, ensinar e construir espaços de produção, trabalho e convívio coletivo.

Ao considerar o IV ENA como a culminância de um processo amplo de mobilização social, em rede e envolvendo diferentes movimentos e organizações, entende-se o Encontro como o principal momento de expressão pública da agroecologia. A grandiosidade dos números que orbitam pelo IV ENA permite refletir também sobre a amplitude dos desafios dessa construção.

Por serem construídos em rede por diferentes organizações, os ENAs convergem ações desenvolvidas por diferentes grupos e setores (como conta o Caderno 1). A trajetória dos ENAs e da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) é, portanto, marcada pela busca de estratégias que valorizem processos coletivos de produção de conhecimento, planejamento e realização de suas atividades.

Cada ENA é um processo, e, certamente, cada passo dado é acúmulo de um caminhar conjunto tecido a partir dos avanços e das características das organizações que acolhem cada um dos Encontros e da sua articulação com as fortalezas das experiências construídas em rede pelas organizações que movimentam a ANA ao longo dos últimos anos.

Em 2018, a ANA comemorou 16 anos de atuação, e as práticas desenvolvidas por essa rede de organizações e movimentos são resultado de uma ação militante, pedagógica e histórica atenta às demandas e perspectivas, progressivamente, colocadas à sociedade. A ANA celebra, exercita e se desafia a construir processos coletivos na organização de encontros e transporta esses princípios para outras construções, como, por exemplo, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo), que representa um desenho único e cuidadoso de reflexão dialogada com os territórios e suas diversidades.

PNAPO GANHA PRÊMIO!

A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo) recebeu, em 2018, o segundo lugar (prêmio prata) por ter contribuído para o desenvolvimento sustentável, possibilitando melhoria de qualidade de vida à população por meio da oferta de alimentos saudáveis e do uso sustentável dos recursos naturais. Entre outras conquistas, ajudou 5,3 mil municípios a investir 30% ou mais de seus orçamentos para alimentação escolar em produtos orgânicos e agroecológicos adquiridos de agricultoras/es. O prêmio desse ano foi coorganizado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (Food and Agriculture Organization - FAO) em parceria com o World Future Council (WFC) e a International Federation of Organic Agriculture Movements (Ifoam). A seleção envolveu 51 políticas de 21 países. O Brasil emplacou 6 iniciativas.

“Com um modelo de gestão participativo, a Pnapo utiliza mecanismos inovadores que incentivam e promovem uma produção de alimentos segura e saudável para todos. Contribui para a biodiversidade e para a conservação dos recursos naturais de maneira geral”, destacou a secretária de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, Juliana Simões. Segundo ela, a Pnapo inspirou muitos estados a elaborarem suas políticas de agroecologia e produção orgânica, como é o caso do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais, da Bahia, de Alagoas, de Sergipe e do Amazonas.

Fonte: Site do Ministério do Meio Ambiente (MMA)



Um dos objetivos deste caderno é também contar sobre os princípios que fundamentam e dão vida a cada uma dessas metodologias que compuseram o balaio de práticas do IV ENA. Muitas vezes, por estarmos imersos nas práticas coletivas, acabamos naturalizando seu desenvolvimento, como se essas metodologias fossem consenso e já estivessem acessíveis a todas/os. Ao construir este caderno, nossa tentativa foi escrever um pouco mais sobre aquilo que arriscamos fazer conjuntamente no processo de mobilização do IV ENA.

POR QUE INTERESSA À SOCIEDADE APOIAR A AGROECOLOGIA?

Outra aposta estruturante dos Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs) é o diálogo com a sociedade. Como principal momento de encontro e expressão pública da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), os ENAs são ambientes de interação com diferentes grupos sociais. É aqui que a comunicação ganha evidência. Por esse motivo, este caderno trata de metodologias, sem deixar de compreendê-las como ferramentas de diálogo e comunicação, como processos também educativos de conexão e construção coletiva.

A comunicação foi compreendida como uma ferramenta estratégica desde que começou a se organizar o movimento agroecológico no Brasil, com destaque para a Rede de Intercâmbio em Tecnologias Alternativas (Rede PTA), que entre os anos 1980 e 2002 articulou ONGs das regiões Sul, Sudeste e Nordeste que atuavam em projetos de desenvolvimento local voltados para o fortalecimento da agricultura familiar e da então chamada *agricultura alternativa*.

Ela se deu na perspectiva de diálogo entre as/os técnicas/os e agricultoras/es; entre as/os agricultoras/es; e em uma perspectiva de ferramenta pedagógica, contando com materiais de apoio e sistematizações para orientar e organizar o conhecimento das/os agricultoras/es para a construção da agroecologia.

Ao percorrermos o processo da ANA, a realização do III ENA — com a pergunta provocadora e estimuladora *Por que interessa à sociedade apoiar a agroecologia?* — foi um momento-chave para ampliarmos as reflexões sobre a capacidade de “falarmos para fora” e, de fato, conseguirmos qualificar nossa comunicação com a sociedade. A pergunta também motivou uma reflexão interna na ANA sobre seus processos de comunicação.

Ao refletirmos sobre a pergunta orientadora do III ENA, pensamos sobre como nos comunicamos com a sociedade; como construir estratégias para que a sociedade compreenda o que é a agroecologia; que lutas são essas no campo da ANA, da segurança alimentar, pela terra e pelo território, pela participação e efetivação dos direitos das mulheres e jovens no campo e na cidade. Ou seja, evidenciar não apenas a comunicação, mas a cultura como um aspecto importante e fundamental da construção da agroecologia.

O III ENA fez com que as organizações, através das caravanas e dos encontros, construíssem processos mais amplos de diálogo e comunicação com a sociedade, ocupando as rádios dos municípios, *blogs* e tabloides locais ou até a grande mídia e grandes veículos, como a revista *Carta Capital*, o jornal *Brasil de Fato* e outros que não são de massa, mas têm uma expressão política importante nacionalmente.

COMUNICANDO UM BRASIL AGROECOLÓGICO

A comunicação é um direito fundamental que deve ser defendido para a efetivação da democracia em nosso país. Precisamos enfrentar o perverso sistema de comunicação dominante, que legitima ideologicamente os padrões de desenvolvimento geradores de desigualdades sociais, de concentração de riquezas e dos meios de produção, bem como de destruição ambiental, que massacram nossa sociedade, em especial mulheres, jovens, negros e os povos e populações tradicionais.

Nas discussões de política e economia, esses sujeitos políticos são frequentemente discriminados, só aparecendo por meio de imagens caricatas ou expressando uma beleza exótica, porém sem conteúdo. Esse sistema está alicerçado em um forte e imbricado setor da mídia nacional, umbilicalmente ligado ao grande capital e às forças mais conservadoras e reacionárias de nossa política. Revelar os conflitos, as violações de direitos e as injustiças sociais e ambientais é condição fundamental para a construção de outro projeto de nação.

Essa é uma das faces necessárias à comunicação para a radicalização da democracia em nosso país. O Brasil agroecológico que queremos estará fundado em uma comunicação plural, dialógica, horizontal e em rede, modelo, aliás, já desenvolvido por inúmeras organizações, redes e movimentos que integram a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). O intercâmbio e o fortalecimento dessas experiências, ampliando o escopo da comunicação que queremos, potencializam nossas ações e constroem novos espaços de trocas e saberes para o enfrentamento ao agro e ao hidronegócio. E é nesse sentido que a efetivação do direito à comunicação também conduzirá à consolidação da agroecologia como o único modelo viável e sustentável para a agricultura brasileira.

Fonte: Carta Política do III ENA



No IV ENA, a comunicação articulada à cultura foi um dos pilares estruturantes das ações desenhadas para o Encontro, desde o *Banquete Popular Agroecológico*, compreendido como um ato público, até a ocupação dos espaços da cidade, como praças, viadutos, escolas, teatros e ruas, com os processos preparatórios recheados de cinema, aulas abertas, música e agroecologia. O IV ENA, que buscou combinar discurso com a prática, traz uma mensagem para a construção da agroecologia no próximo período histórico: *como ampliar nossa sensibilidade para construir, com afeto, alegria e intencionalidade política, ações que — de fato — comuniquem nossas mensagens? Como renovar as formas de ação política e sensibilizar novas pessoas?*

COMO ESTE CADERNO ESTÁ ORGANIZADO?

Como todo caderno, este também é um lugar aberto, cujo convite é a leitura comentada, o rabisco, o mergulho sem ordem. Como todo caderno, ele também tem espaços em branco, disponíveis para registros, lembranças e recados.

Diferentemente dos demais fascículos — que formam o conjunto dos sete cadernos do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) e que foram fruto de relatorias e memórias dos processos preparatórios e dos relatos textuais e gráficos gerados durante os 4 dias do IV ENA —, o conteúdo deste caderno é produto de um trabalho posterior. As lembranças e ideias aqui registradas passaram por peneiras coletivas que buscaram identificar propostas, dicas, reflexões e breves relatos sobre o nosso fazer coletivo espalhados nos *e-mails*, nas cabeças, nos corações e nas demais linhas que deram contorno a materiais produzidos de forma descentralizada por nós ao longo do processo preparatório do Encontro.

Além do texto de abertura comum a todos os sete cadernos, que trata do **fazer coletivo** que aglutina as nossas práticas, na próxima seção trataremos de alguns dos **princípios que orientaram as práticas metodológicas do IV ENA**, dando ênfase para algumas que ganharam mais destaque. Apresentaremos, portanto, os pontos de partida que “alumiam” as práticas metodológicas e, de forma muito resumida, caracterizaram algumas das principais ações desenvolvidas, de modo que essa caminhada possa inspirar muitos outros processos, voos e inovações.

Ao total, foram 11 princípios que articulam outras ideias e preocupações e que podem contribuir para estimular reflexões sobre as práticas que tecemos na organização de novos encontros, caravanas, seminários, eventos e outras atividades.



Em seguida, no **Varal de Metodologias**, apontaremos algumas das principais atividades que compuseram a programação do IV ENA e, de forma muito sintética, abordaremos as metodologias praticadas pelas redes de agroecologia nos territórios e que, portanto, já estão pendurados no nosso varal de trabalho nas organizações e nos territórios. Foram muitas e diversas as metodologias que circularam, que foram adaptadas e articuladas no processo de mobilização e realização do Encontro. Nessa seção, descrevemos, primeiramente, os ambientes que compuseram o mosaico da programação e, em seguida, os processos, os cuidados e as ferramentas de trabalho.

Na seção seguinte, aprofundaremos as **11 metodologias** que foram destaque nesse processo específico de construção do IV ENA, descrevendo e fazendo sugestões para a realização dos processos nos territórios, de acordo com cada realidade, demanda e especificidade local. Apresentaremos cada um dos “métodos” em fichas de sistematização, que, sem a pretensão de esgotar cada processo, trazem breves inspirações e sugestões de caminhada. Gostamos de lembrar que essas fichas e esses conteúdos só têm força se adaptados e contextualizados a cada realidade.

Por fim, na última seção do caderno, apontaremos alguns balanços, compartilhando desafios e aprendizados sobre o processo metodológico desenvolvido no IV ENA. No subterrâneo dessas práticas coloridas, muitos desafios estão presentes e pulsantes na articulação de pessoas e organizações tão diversas. *Sistematizar* significa compartilhar nossas conquistas e nossos acertos, mas também olhar coletivamente para os nossos desafios. Ao final, compartilhamos algumas referências bibliográficas que inspiram essas e outras ideias que podem surgir com esta leitura. Boa caminhada!

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO IV ENA

IV ENA: COERÊNCIA ENTRE DISCURSO E PRÁTICA



“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 61.

Neste caderno, buscamos identificar alguns dos princípios metodológicos visíveis nas práticas de construção dos Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs), tendo destaque o IV ENA.

No subsolo das práticas agroecológicas, alguns princípios mobilizam decisões coletivas, sendo inspirações para as ações que almejam ser mais horizontalizadas e buscam, na construção do conhecimento e nos processos de organização comunitária e social, coerência entre o discurso e a prática popular.

O conceito de *princípio*², em geral, significa *início*, *fundamento* ou *essência*. Ou seja, no contexto deste caderno do IV ENA, sobre métodos e caminhos, *princípio* diz respeito a possíveis pontos de partida que orientam as decisões políticas e metodológicas.

Partindo desse lugar-comum e longe de ser um conjunto de regras e normas fixas que precisam ser seguidas, os princípios registrados nessa seção partilham orientações gerais que dão sentido à prática metodológica desenhada para os ENAs e estão aqui apontadas

2. Segundo o Dicionário Aurélio, *princípio* pode ser definido como: 1 – O primeiro impulso dado a uma coisa; 2 – Ato de principiar uma coisa; 3 – Origem; 4 – Causa primária; 5 – O que constitui a matéria; 6 – O que entra na composição de algo.

CAMINHOS ALTERNATIVOS POSSÍVEIS E MAIS DO QUE NECESSÁRIOS



sumariamente para que cada um desses princípios possa ser refletido, revisitado, ajustado e acomodado da melhor forma possível, de acordo com cada contexto, leitura e uso.

Vários dos princípios apontados têm raízes profundas em práticas históricas da educação popular. A agroecologia, enquanto movimento, prática e ciência, aprende e ensina a partir do exercício comprometido com os processos populares, reinventa, aponta novos caminhos e contribui para esse fazer coletivo e colaborativo tendo em seu “balaio” de práticas inúmeras referências.

Quando falamos sobre as chamadas *inovações metodológicas*, geralmente, não estamos nos referindo a novidades descoladas de práticas históricas. Estamos tratando de resultados ou produtos de recombinações de metodologias já existentes e de múltiplas autorias envolvidas, visto que lidamos com arranjos e fazeres tão coletivos e multidisciplinares. Portanto, não optamos por tratar as metodologias de destaque neste IV ENA somente como inovações, pois compreendemos que nossos acertos e nossos desafios são, em parte, produto da nossa ousadia e das nossas apostas coletivas, mas também de inúmeras referências das quais o movimento agroecológico é mais um dos afluentes.

Também não será possível detalhar as origens e os antecedentes de cada princípio e de cada metodologia descritos neste caderno, mas, ao final, compartilharemos alguns livros, publicações e demais materiais que podem ser inspiração e fundamento teórico e prático para algumas reflexões apontadas aqui e para muitas outras que germinarão a partir dessa leitura coletiva.

NOSSOS PRINCÍPIOS: O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA

INTELIGÊNCIA COLETIVA

“Uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.”

(LÉVY, 2003, p. 28)



Estudioso das tecnologias da informação, Pierre Lévy sistematiza reflexões que transcendem o mundo virtual ao reconhecer que as **habilidades diferentes de cada pessoa** podem ser sintonizadas e potencializadas a partir de planejamentos conjuntos. Assim, a inteligência coletiva trata da **capacidade de reconhecer e valorizar nossas diferenças enquanto grupo**, promove **escutas ampliadas** sobre projetos e ações coletivas (que permitam olhares de diferentes pontos de vista), além de direcionar “tarefas” que estejam, realmente, sintonizadas com as habilidades de cada indivíduo, naquele contexto e em determinado momento e estágio de aprendizado. Essa busca pelo autoconhecimento individual e coletivo de cada grupo qualifica o trabalho conjunto ao permitir que cada qual se expresse a partir das suas especificidades e potências.

CIRCULARIDADE DA FALA

“Sistematizados por Paulo Freire (1991), os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se, em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação.”

(DANTAS, Vera; LINHARES, Ângela. *Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular*. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.)



Ao apostar que todas/os podem contribuir com respostas às questões coletivas, aos problemas sociais e a qualquer conceito, no contexto do IV ENA, os Círculos de Cultura se tornaram estratégias para planejamento e construção coletiva de diversas comissões. A partir de inúmeras colheitas de sugestões e impressões e do reconhecimento das nossas diversidades — sempre acomodados em círculo e tendo as tarjetas como espaço para registro das nossas ideias —, durante o IV ENA os Círculos de Cultura foram ambientes orientados pela circularidade da fala, que buscaram descentralizar e permitir que outras vozes e opiniões pudessem ser acolhidas.



Para saber mais sobre Círculos de Cultura:
www.aba-agroecologia.org.br/caderno-de-metodologia/

Para saber mais sobre espacialização do conhecimento, assista ao vídeo Espaços que comunicam saberes: www.youtube.com/watch?v=XnmPiinNrbU (2'34")

As tarjetas (pedaços de papel cortados em formato retangular) também estão ligadas à preocupação em registrar e espacializar o conteúdo produzido coletivamente.

Ao disponibilizar os textos pelas tarjetas e ao propor agrupamentos de ideias em “nuvens” de tarjetas, os Círculos de Cultura estimulam as conexões e a produção de novas ideias.



UMA GERAÇÃO APRENDE COM A OUTRA



Para as transformações políticas que almejamos, é imprescindível a presença e participação das juventudes, não apenas em uma posição de escuta e de construção compartimentada de tarefas, mas na construção ativa de diferentes processos. Refletir e prezar pela presença das juventudes nos espaços de construção coletiva, em todas as comissões e, sobretudo, na coordenação política de processos e organizações — ao lado de outras gerações —, foi um princípio que inspirou a oxigenação de vários processos no IV ENA, sendo mais um dos princípios coletivos dessa construção.



Para saber mais sobre a
participação das juventudes no
IV ENA, ver Caderno 4



enagroecologia.org.br

FEMININO E FEMINISTA



Diversas ações operativas e organizacionais são executadas por grupos, em geral, predominantemente femininos. As tarefas de produção de planilhas; elaboração de relatórios dos espaços de reunião; a produção de relatórios finais de projetos; a organização e compra de materiais; o cuidado com a alimentação e a hospedagem são tarefas ainda muito concentradas em mulheres, mesmo se tratando de práticas internas aos movimentos sociais, enquanto os homens coordenam plenárias, participam de instâncias políticas em Brasília, por exemplo, e concentram as articulações “políticas”. É preciso que a distribuição justa de tarefas se reflita não só nos discursos e no contexto das famílias agricultoras, mas no interior das nossas organizações. É fundamental o cuidado com a linguagem, falada e escrita, nos materiais e nas reuniões, considerando as diferenças de gênero.

CUIDADO COM A MEMÓRIA



O registro e a disponibilização das memórias das reuniões (da Comissão Organizadora Nacional, Estadual, Local e de cada comissão) foi um princípio exercitado no ENA. A produção dos sete cadernos-síntese, dos quais este volume faz parte; a construção da plataforma; e todo o cuidado com a relatoria durante os 4 dias do Encontro buscaram se atentar para o registro e a produção coletiva de nossas memórias.

FLEXIBILIDADE, ADAPTAÇÃO À REALIDADE E CRIATIVIDADE



Apesar de carregarem sentidos distintos, a percepção e a construção de propostas flexíveis e adaptadas a cada realidade conferem recombinações (e possíveis inovações) aos processos e metodologias. A criatividade — capacidade de criar, produzir ou inventar coisas novas — também está ligada à abertura e à busca de transformações de algumas situações com a intenção de construir novos modos de agir em determinada prática comum. Nestes princípios e cuidados, um dos grandes pontos de partida e um **terreno fértil para a criatividade** é a identificação, a valorização e o uso das habilidades e dos recursos humanos, de materiais e de potências já existentes e latentes nos territórios.

O princípio da flexibilidade destaca um cuidado fundamental neste caderno: por mais que as atividades e metodologias tenham “dado certo” no IV ENA, em Belo Horizonte (MG), não significa que elas não careçam de ajustes e adaptações à realidade de cada território. Outras, por exemplo, podem não ser aplicáveis.



ARTE E DIFERENTES LINGUAGENS



A arte, no contexto do IV ENA, nasceu de muitas inspirações e permitiu acessar campos sensíveis que mobilizaram uma diversidade de pessoas e ampliaram a nossa capacidade de diálogo com a sociedade. A criatividade e a construção de ações com maior potência pública e impacto de se tornarem **processos replicáveis** nos territórios também envolveram a disponibilização de tempo, recursos e outras linguagens criativas, bem como a aproximação com estudantes, educadoras/es e militantes de diferentes campos de atuação, como a arquitetura, a música, o *design* gráfico, as/os mestras/es griôs, entre outras habilidades. **Conceber processos coletivos na agroecologia, a partir dessa diversidade de olhares, formações e experiências, é potência!**



AUTONOMIA E CORRESPONSABILIDADE



Dentro dos mais variados arranjos de organicidade e ação coletiva em que o IV ENA esteve inserido, foi importantíssimo construir processos abertos, flexíveis e colaborativos. O agendamento de reuniões, com antecedência e divulgação prévia, e a realização de encontros ampliados de formação e intercâmbio, em lugares abertos, representaram também cuidados que expandiram nossa capacidade de ação coletiva. Nesse caminhar, apesar de acomodarmos diferentes funções, podermos contar com origens em distintos coletivos e movimentos, com formas de atuação política e organizativas diferentes, além de cargos e responsabilidades, em processos como o IV ENA, é importantíssimo para que todas/os se lembrem de que **a capacidade de construção coletiva é proporcional à capacidade de compromisso e envolvimento das pessoas**. É fundamental, portanto, transitar, como aponta a metodologia do Dragon Dreaming, do sonhar para o planejar e realizar, de modo que nossas ideias possam se materializar e se tornar ações viáveis.

ESCUTA ATENTA E SENSÍVEL



“Na empatia, eu estou procurando me conectar com aquilo que a gente compartilha, apesar de todas as diferenças que nos distinguem. A empatia é a minha capacidade de reconhecer você na sua humanidade. Então, essa disponibilidade de estar presente com a experiência do outro, sem tentar mudá-la, educá-la, resolver as questões dela, sem estar sempre correndo atrás de uma solução, mas simplesmente estar com o outro na sua experiência de vida. Isso, muitas vezes, está se perdendo no nosso dia a dia, pela correria e por esse olhar constante na produtividade e nos resultados. Então, empatia é a volta de uma qualidade de processo de convivência.”

Dominic Barter, um grande estudioso da Comunicação Não Violenta, aponta a escuta como um dos primeiros passos para o fortalecimento de processos coletivos e para a empatia. O IV ENA, ao valorizar e garantir espaços para a fala e o acolhimento de várias experiências e inspirações, exercitou o princípio e o cuidado de praticarmos a escuta atenta e sensível.

Na construção de encontros e processos, como o IV ENA, por exemplo, é fundamental cruzar esse e todos os outros princípios com os prazos e os recursos disponíveis, conferindo viabilidade – no sentido mais amplo possível de tempo e capacidade de execução coletiva – às ideias e propostas que são construídas pelo coletivo.

Sugestão de leitura: *A Escutatória*, de Rubem Alves.

OCUPAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS



Articulação, planejamento e uso de espaços e equipamentos públicos de abastecimento de alimentos, lazer, educação e cultura, valorizando a ocupação política e pedagógica dos espaços das cidades e dos bairros. Buscou-se, além da valorização dos recursos aplicados, proporcionar o acesso e o uso público de direito do Parque Municipal Américo Renné Giannetti, com a realização de encontros preparatórios e do próprio IV ENA em ambientes abertos que ampliem nosso diálogo com a sociedade.

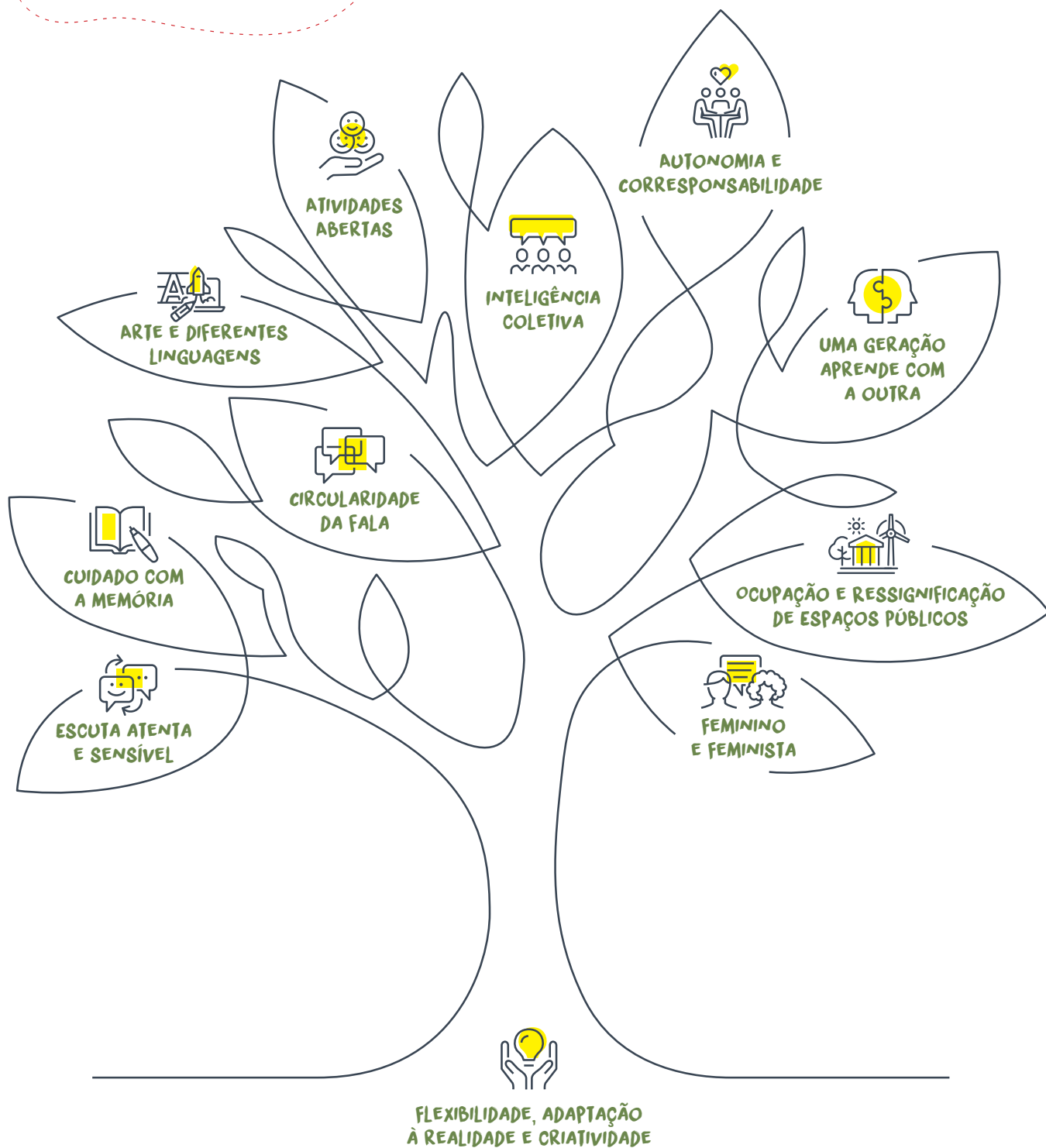
ATIVIDADES ABERTAS



Combinação e equilíbrio entre atividades específicas para as delegações e a acolhida de pessoas externas a elas, valorizando a não hierarquização e o diálogo com a sociedade.

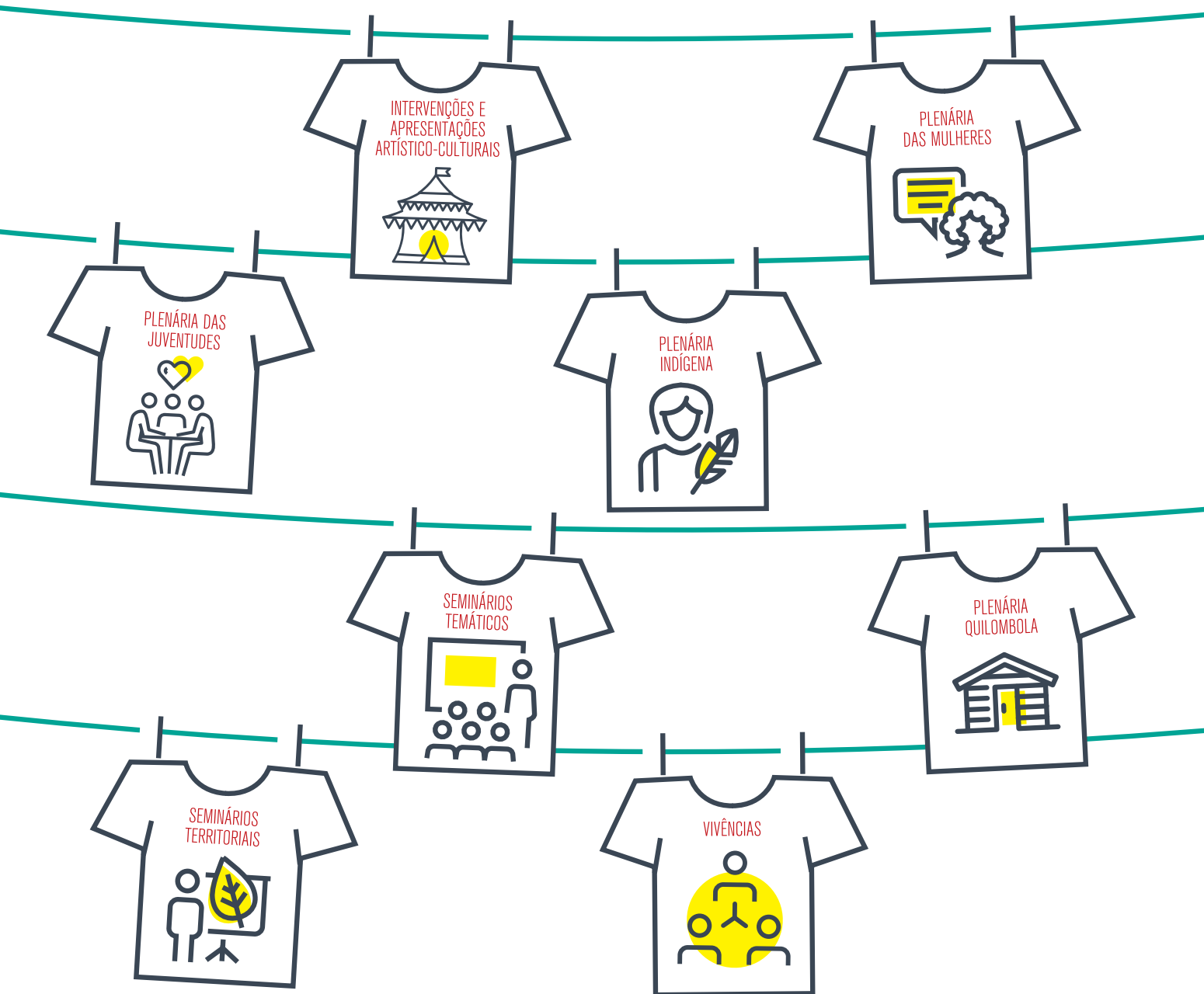
Sistematizamos alguns princípios.
Você visualiza outros galhos,
raízes, flores e frutos? Desenhe!

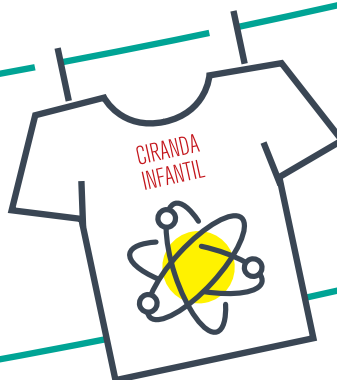
ÁRVORE DOS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DO IV ENA



VARAL DE METODOLOGIAS

PRÁTICAS E REFLEXÕES DO MOVIMENTO AGROECOLÓGICO





Ao total, este caderno apresenta 26 metodologias que foram mobilizadas na construção do IV ENA. Destas, 15 serão apresentadas de maneira muito breve, pois consideramos que já fazem parte do nosso repertório comum de ações. Essas 15 estão organizadas, nesta seção, no Varal de Metodologias, e as outras 11 metodologias serão detalhadas em fichas de sistematização que apresentarão com maior profundidade as dinâmicas e os processos envolvidos em sua construção.

Organizamos essa apresentação conceitual em duas categorias: **Ambientes que Construíram o Mosaico da Programação do IV ENA** e outros **Processos, Cuidados e Ferramentas de Trabalho**, que tratam de metodologias que nos apoiam em diferentes momentos, cumprindo papéis de registro e memória coletiva ou sendo uma estratégia lúdica de abordar os múltiplos assuntos. Se alguma ideia ou processo tiver ficado de fora, não deixe de interagir na plataforma virtual e contribuir conosco nessa construção coletiva enviando sugestões de acréscimo!

AMBIENTES QUE CONSTRUÍRAM O MOSAICO DA PROGRAMAÇÃO

INTERVENÇÕES E APRESENTAÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS



No IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), nossa aposta coletiva foi avançar na visibilização e no fortalecimento político da cultura popular como uma das principais expressões de resistência do movimento agroecológico. Essa diversidade cultural, que pulsa nos territórios, constrói cotidianamente encantamentos, estratégias solidárias e alternativas econômicas, políticas e organizativas locais que resistem ao agronegócio e às diversas pressões do capital nos territórios. Esses olhares e entendimentos coletivos nos ajudam a construir a cultura e a comunicação para além de suas ferramentas e apresentações artísticas. A partir da mistura do movimento cultural que colore e agita as ruas de Belo Horizonte (MG), com expressões populares dos povos de Minas Gerais e das demais regiões do Brasil, as intervenções artísticas previstas ao longo dos 4 dias da programação desafiaram a trazer a força e a diversidade dos territórios na defesa da democracia.



“Formas de resistência que venho chamando de ‘manhas’ dos oprimidos, no fundo ‘imunizações’ que as classes populares vão criando em seu corpo, em sua linguagem, em sua cultura. Daí a necessidade fundamental que tem o educador popular de compreender as formas de resistência das classes populares, suas festas, suas danças, seus folguedos, suas lendas, suas devoções, seus medos, sua semântica, sua sintaxe, sua religiosidade.”

FREIRE, P. Alfabetização e Cidadania. p. 211. In: *Educação Municipal*, São Paulo, Cortez/Cead/Undime, nº 1, maio de 1998.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL



Tendo acontecido em todos os cantos do Parque Municipal, nos 4 dias de Encontro, e no Viaduto Santa Tereza, no sábado à noite, a programação cultural contou com ritmos, sons, crenças e cores que movimentam e conectam as cidades, os campos, as florestas, os mares e as nossas resistências.



Intervenções culturais e festejos noturnos são diferentes da expressão “cultural” comumente usada pelos movimentos sociais e pela agroecologia para nomear o momento noturno de celebrações. O que chamamos de “cultural”, ou acolher a cultura como um princípio político metodológico, não é tratar a cultura como um momento isolado e específico na programação, mas, sim, tecer coletivamente um conjunto de preocupações que respeitam e oferecem espaço para que a diversidade cultural dos povos seja expressa, tendo a preocupação para que estas tenham vez e voz. Bora atentar às linguagens, palavras e expressões que escolhemos usar, sobretudo para que os coletivos de cultura, arte e comunicação não sejam ferramentas, mas, sim, processos presentes e pulsantes na concepção dos nossos encontros!

PLENÁRIA DAS MULHERES



Pelo menos 50% do público do IV ENA foram mulheres. As mulheres auto-organizadas no Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da ANA realizaram uma grande plenária orientada pelo lema *Sem Feminismo, Não Há Agroecologia*. Essa plenária pretendeu, entre outros objetivos, articular a participação das mulheres em todos os espaços de discussão do Encontro, organizando sua contribuição nos diferentes temas de aprofundamento.

PLENÁRIA DAS JUVENTUDES



Entendendo a importância das juventudes para a construção e o fortalecimento dos territórios agroecológicos em todo o Brasil, tentou-se garantir que, no IV ENA, no mínimo 30% das/os participantes fossem jovens. E a *Plenária das Juventudes* foi o momento de encontro dessas juventudes para compartilhar suas denúncias e seus anúncios no que tange, principalmente, ao momento histórico que estamos vivenciando. Foi a partir do compartilhamento das histórias dos coletivos e de suas experiências que se pretendeu construir coletivamente os rumos do GT Juventudes da ANA. A plenária foi um momento de interação do Grupo de Trabalho (GT) Juventudes da ANA com as juventudes presentes, a fim de construir estratégias de ação coletivas e ampliar sua representação.

PLENÁRIA INDÍGENA



A participação indígena no IV ENA foi histórica. Estiveram presentes representantes de 38 etnias, oriundas de todas as regiões do país. A Plenária Indígena foi um espaço de auto-organização desse grupo; começou a ser planejado no processo preparatório ao Encontro e foi, efetivamente, preparado no primeiro dia do IV ENA, com a participação direta de todas/os as/os indígenas presentes. A Plenária reuniu 130 “parentes”, que denunciaram violências e ameaças impostas aos seus territórios e povos, bem como compartilharam experiências sobre processos de resistência e ações de promoção da sustentabilidade. Ao final da atividade foi aprovada uma Carta Política, que foi depois lida na Plenária Final do IV ENA.

PLENÁRIA QUILOMBOLA

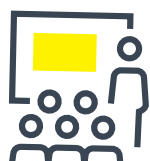


A Plenária Quilombola foi um espaço de auto-organização das/os representantes de comunidades quilombolas e de outros coletivos do movimento negro das cidades e do campo. Reunindo povos negros de 14 estados brasileiros, constituiu-se como um momento marcante de discussão nacional, que fez ecoar o grito dos quilombos do Brasil por justiça e liberdade. As diversas experiências partilhadas no encontro incluíram denúncias e ameaças envolvendo comunidades quilombolas e também expressões de resistência e proposições dos povos quilombolas.





SEMINÁRIOS TEMÁTICOS



Representaram momentos de diálogo sobre temas estratégicos para a agroecologia, buscando atualizar e contextualizar suas propostas e seus desafios no contexto histórico e político. No IV ENA, foram 14 seminários simultâneos animados, no início, pela apresentação de experiências concretas, contando com a participação expressiva de agricultoras/es e suas organizações e movimentos. Como fruto desses debates, foram formuladas propostas para a criação e/ou o aprimoramento de políticas públicas, propostas de ação para organizações e redes do movimento agroecológico e subsídios para a elaboração da Carta Política do IV ENA.

SEMINÁRIOS TERRITORIAIS



Organizados por biomas (Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa) e também pelos “territórios” do litoral e das metrópoles, os seminários territoriais foram espaços destinados à partilha das experiências locais na forma de *Instalações Artístico-Pedagógicas*, contando com imagens, mapas, objetos, produtos, relatos orais e outras formas de expressão para narrar a história, as experiências e os desafios das redes. As experiências apresentadas tiveram o objetivo de ser pontos de partida para animar o debate entre todas as pessoas presentes em cada tenda, permitindo reflexões a respeito do papel e da contribuição das redes para o avanço da agroecologia, bem como sobre a importância das políticas públicas para o desenvolvimento das experiências e sobre os bloqueios enfrentados nos territórios.

VIVÊNCIAS



As *Vivências* representam momentos de intercâmbio entre o IV ENA e as experiências territoriais articuladas no lugar que acolhe o Encontro. Foram baseadas na valorização de práticas concretas e no contato real com a resistência e o fortalecimento da agroecologia. Inspiradas na pedagogia do exemplo, nas linguagens e estratégias que favorecem a participação e interação entre as/os agricultoras/es, as *Vivências* foram ambientes importantes dentro da programação do IV ENA ao estimularem formatos mais interativos, que transcendem a fala e a linguagem escrita. No IV ENA, foram realizadas 16 *Vivências* em experiências agroecológicas e de resistência urbana em Belo Horizonte e na sua Região Metropolitana, que abordaram temas como Terra e Território, Produção Alimentar, Saúde, Educação, Comunicação, Cultura, Organização Social, Direito à Cidade, entre outros.

ATIVIDADES AUTOGESTIONADAS



As oficinas e atividades autogestionadas do IV ENA aconteceram em um dia específico reservado para atividades previamente inscritas por meio de um sistema simples de formulário. As atividades ocorreram em tendas e gramados localizados no Parque Municipal de Belo Horizonte; outras, em salas localizadas nas imediações do Parque. Foram importantes momentos para compartilhamento dos saberes e fazeres da agroecologia. O objetivo foi criar um ambiente aberto de interação e troca entre as/os participantes do IV ENA e a sociedade, principalmente com a população de Belo Horizonte e região que esteve no Parque Municipal, para que juntas/os as/os participantes pudessem refletir e colocar seus corpos, mãos e corações em movimento.

CIRANDA INFANTIL



A *Ciranda Infantil* do IV ENA foi um espaço de acolhida lúdico, educativo, alegre e divertido, pensado para o cuidado com as crianças do Encontro. Enquanto as mães e os pais participaram das atividades do IV ENA, a *Ciranda* foi o local de convívio entre as crianças e as/os educadoras/es, promovendo um lugar de diálogo e construção de saberes coletivos, buscando estimular a criatividade e a imaginação e integrar as crianças com as temáticas, os princípios e as atividades do Encontro. Assim, considera-se que as crianças também foram sujeitos protagonistas deste Encontro e participaram ativamente na sua construção!

PLENÁRIA FINAL



Representou um momento de apresentação e aprovação da Carta Política do IV ENA, elaborada a partir dos debates e das *Vivências* realizadas durante as diferentes atividades do Encontro. A partir do conteúdo da carta — suas denúncias, seus anúncios e suas propostas —, houve a manifestação de alguns gestores e organizações públicas que apoiam a agroecologia, para que pudessem se expressar a respeito dos compromissos e das ações que assumiriam.

FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE



Ambiente de troca de sementes e mudas e de intercâmbios sobre a diversidade biológica e cultural preservada pelos saberes ancestrais.



PROCESSOS, CUIDADOS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

INSTALAÇÕES ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS



São representações artísticas organizadas de forma dinâmica, sintética e inspiradas em linguagens “simples”, que constroem **cenários que estimulam ambientes de interação e interatividade**, valorizando conteúdos produzidos coletivamente em diferentes momentos, ultrapassando a lógica inerente à oralidade. As instalações buscam proporcionar uma experiência por meio da construção de um espaço artístico-educativo, onde a abordagem lúdica — construída a partir de elementos visuais, aromas, sabores, além de expressões artísticas de teatro, música e poesia — facilita o diálogo de saberes e as percepções sobre experiências vivenciadas.

No IV ENA, as *Instalações Artístico-Pedagógicas* deram vida aos 16 seminários territoriais que aconteceram simultaneamente nas tendas do Encontro, narrando a história, as experiências e os desafios das redes por meio de imagens, mapas, sementes, cantos, danças, relatos orais e outras formas de expressão.

Confira, no Caderno 6, a riqueza dos seminários territoriais do IV ENA



enagroecologia.org.br

FACILITAÇÃO GRÁFICA

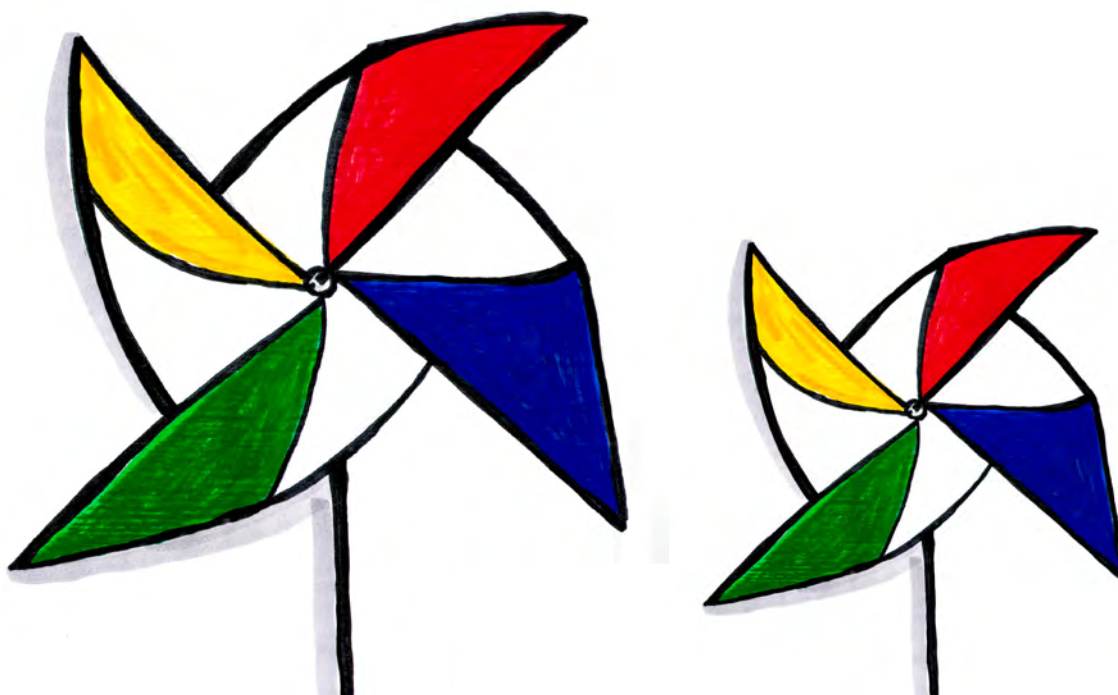


Compõe o que chamamos de *facilitação gráfica* o processo de representação e síntese de ideias, a partir das representações gráficas que buscam mapear pensamentos, estimular a participação, registrar memórias de um encontro ou proporcionar uma visão global de determinado tema. Entre outros ganhos, a metáfora visual pode melhorar a aprendizagem e fortalecer a confiança e o comprometimento em equipe no alcance de objetivos. Para nós, mais do que uma ferramenta comunicativa, a facilitação é uma forma de potencializar o diálogo com a sociedade. Representa uma possibilidade de ampliar nossa capacidade de escuta das/os agricultoras/es e demais sujeitos e, a partir dessa interação, construir caminhos nos quais o diálogo entre diferentes saberes possa ser reconhecido e visibilizado.



A equipe de facilitação gráfica do IV ENA foi responsável pela elaboração de 32 painéis que retratam ideias, mapas, símbolos, números, ícones, metáforas, caricaturas, relatos literais, frases marcantes, anúncios, denúncias e propostas apresentadas em diversos espaços do Encontro. Para realizar o registro gráfico dessas atividades, muitas delas simultâneas, foi formada uma equipe de facilitadoras/es com a participação de 25 pessoas (17 mulheres e 8 homens). Essa equipe possuía uma grande diversidade, contando com facilitadoras/es experientes e voluntárias que se aventuraram no registro visual pela primeira vez.

Na noite anterior ao início do IV ENA, foi realizada em Belo Horizonte uma Oficina de Facilitação Gráfica Popular, com o objetivo de socializar a metodologia e formar possíveis voluntárias/os para atuar no IV ENA. Após a oficina, 3 facilitadoras se voluntariaram para atuar em espaços do Encontro.





RELATORIA TEXTUAL



“Fazemos muito e registramos pouco!”, “A riqueza dos momentos se perde”, “Lembra-se daquela atividade? Quando foi? Quem esteve?”. A relatoria continua sendo um dos grandes desafios dos movimentos sociais, tendo em vista que nossa prática ativista e o acúmulo de tarefas nos tiram dos cuidados de registro. Tratando-se de processos participativos e permeados pela agroecologia, é importante ressaltar que a relatoria busca, para além das questões objetivas, captar as místicas, as emoções compartilhadas, poesias, músicas, trechos de falas impactantes e o que mais, nos espaços em que estamos, compõe nossos campos sensíveis.



Registrar a riqueza do IV ENA constituiu uma tarefa estratégica muito relevante para a memória do Encontro. Diante da grande quantidade de atividades, foi formada uma equipe com 78 pessoas (56 mulheres e 22 homens), que quase sempre trabalharam em duplas para realizar o registro dos espaços de debate. Na maioria dos casos, as duplas eram formadas por uma pessoa indicada pela coordenação da atividade — que conhece as dinâmicas que articulam o tema e, portanto, as questões envolvidas, as siglas, os atores sociais, etc. — e por uma pessoa indicada pelos Núcleos de Estudo em Agroecologia (NEAs) ou outra organização do campo agroecológico.

A participação de integrantes dos NEAs foi fundamental para a realização desse trabalho, contribuindo não apenas no registro das atividades, como também na elaboração dos documentos orientadores para a relatoria. Os registros serviram de subsídio para a elaboração da Carta Política do IV ENA e foram insumos importantes para a produção de outros documentos referentes ao Encontro, potencializando seus efeitos, ampliando sua visibilidade e contribuindo para o fortalecimento do movimento agroecológico.

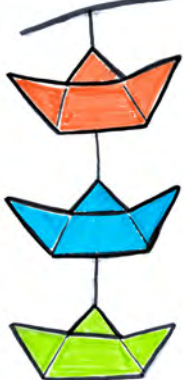


"Como narrar a
Agroecologia para o território
e além dele?"

COMUNICAÇÃO

ARTE e CULTURA

como Território simbólico da Agroecologia



DESMONTAR ESTRUTURAS
DE PODER NO CAMPO POLÍTICO
DA COMUNICAÇÃO

DIREITO À COMUNICAÇÃO
SÓ COMEÇA A SER
DISCUTIDO NA DEC. 90

CULTURA VIVA
CONTA E CANTA
NOSSA COMIDA

CANTAMOS
PORQUE O GRITO
SÓ NÃO BASTA!



“Somos todos
comunicadores e
comunicadoras”

“Aprender
outras formas
de nos comunicar
inclusive a dos
hossos
ancestrais”

COMUNIDADES
TRADICIONAIS
CONSERVAM O
TERRITÓRIO
(AMBIENTAL E
CULTURAL)

Conhecimento
é para partilhar
em vida



Laura Maria dos Santos
— Quilombo do Campinho —
Paraty, Uratuba e Angra dos Reis

DESTAQUES: OUSADIAS E INOVAÇÕES

FICHAS DE SISTEMATIZAÇÃO: MÉTODOS E CAMINHOS INSPIRADORES

Nesta seção, compartilhamos com vocês 11 metodologias que consideramos processos-chave para o desenho do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA). Algumas foram apostas inéditas dentro do Encontro, e outras são práticas mais comuns, mas que, em Belo Horizonte (MG), ganharam novos contornos. Esperamos que essa sistematização possa inspirar novas práticas, pois o principal objetivo é impulsionar o desenvolvimento de atividades presenciais, de intercâmbio, de troca e de encontro em vários contextos, territórios, bairros, escolas e coletivos.

Como quase tudo no fazer metodológico, nossos registros são provisórios e precisam de olhares coletivos para florescer e ganhar novos voos. Não deixe de anotar suas ideias, enviar-nos sugestões pela plataforma virtual e compartilhar conosco sua experiência de realização de alguma dessas atividades.

Na agroecologia e nos movimentos sociais como um todo, fazemos muito e divulgamos pouco. Mas, progressivamente, estamos qualificando e assumindo nosso compromisso com o registro, com a memória e, principalmente, com a comunicação “para fora” das nossas bolhas. Este caderno trata, um pouco, deste desafio: escrever sobre aquilo que fazemos, partilhar o que aprendemos e potencializar nossas ações comunicando nossas práticas!



Este caderno coloca um desafio para as/os leitoras/es: quem topa recheiar a página do Facebook e do site da Articulação Nacional de Agroecologia com notícias sobre o uso dessas metodologias nos territórios? Caso você se aventure a desenvolver alguma dessas ações ou já tenha feito isso, escreva para nós: coloque data, local, nome da atividade e conte como foi. Dois ou três parágrafos já se transformam em publicação. A rede de comunicadoras/es entra em contato com você e publicamos o texto com a autoria de quem colaborou.

Estamos esperando o seu relato, vamos construir juntas/os nossa comunicação agroecológica e colaborativa: comunicacao@agroecologia.org.br

BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO COMO ATO POLÍTICO * ESPAÇO DA SAÚDE * BAMBUZARIA DA REFORMA AGRÁRIA * RIO DA VIDA DAS MULHERES * COMUNICAÇÃO E CULTURA

ABERTURA ARTÍSTICO-POLÍTICO-CULTURAL * ACAMPAMENTO DAS JUVENTUDES * ENCONTROS REGIONAIS DE AGROECOLOGIA (ERÊS) * ORNAMENTAÇÃO * LIXO ZERO - RECICLAGEM POPULAR * FEIRA SABERES E SABORES * ACOlhIDA, CUIDADOS E CREDENCIAMENTO

ABERTURA ARTÍSTICO-POLÍTICO-CULTURAL

“Toques e cantos da nossa ancestralidade”

O que é?

A abertura do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) teve caráter político-cultural, representando um espaço interativo que contou com a presença de diferentes representações afro e indígenas presentes no território (de Belo Horizonte e de outras partes de Minas Gerais) e das demais representações territoriais presentes. Essa opção buscou construir um momento de abertura e proteção do “território agroecológico do IV ENA”, dando início à sua programação oficial a partir de linguagens e formatos sensíveis e simbólicos.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

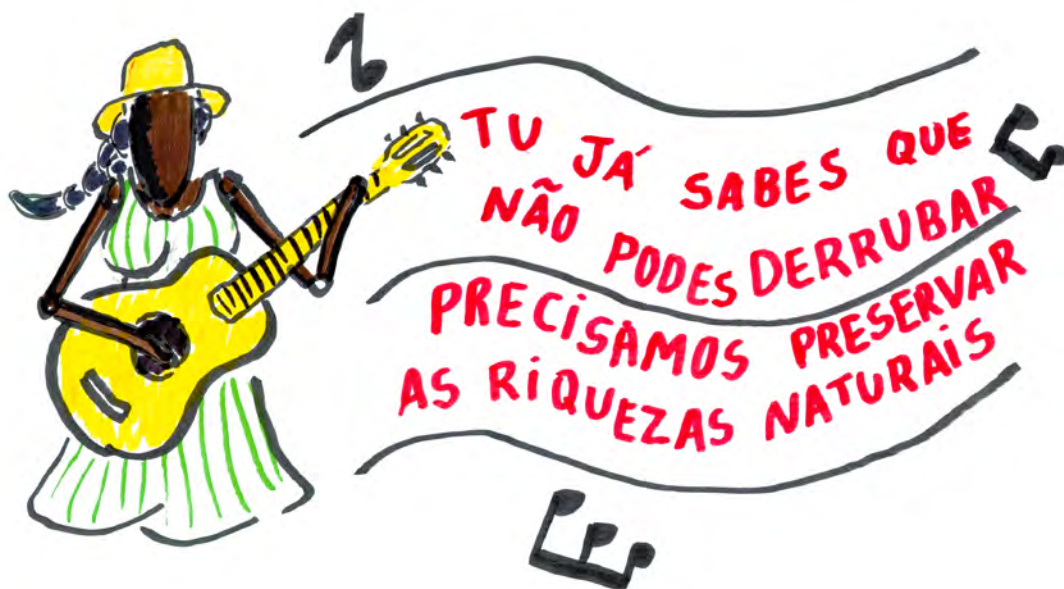
- ★ Partindo das referências identitárias de povos afro e indígenas, a abertura buscou provocar uma reflexão sobre como esses povos nos apontam, a partir de suas expressões, costumes e modos de vida, outras possibilidades de ser, de saber, de lutar, de cultivar, de cultivar, de cultura, de agricultura, de construção do bem viver.
- ★ Rituais de proteção indígenas e dos povos de terreiro.
- ★ Prática das místicas dos movimentos sociais.
- ★ Aberturas artísticas e culturais.

Quais são os seus princípios?

- ★ Respeito às ancestralidades da agroecologia.
- ★ Valorização de diferentes formas de linguagem.
- ★ Diálogo com a sociedade e sensibilização.
- ★ Respeito à diversidade religiosa.
- ★ Construção de propostas que superem os modelos institucionalizados, geralmente distantes das/os agricultoras/es e dos povos, e masculinizados.
- ★ Proteção e segurança espiritual.
- ★ Atenção e apoio aos processos e rituais preparatórios.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Apresentar ideia para a Comissão Organizadora.
- ★ Colher sugestões e indicações de representantes para compor comissão.
- ★ Identificar e “escutar” sensibilidades locais — grupos e expressões atuantes.
- ★ Identificar coletivamente parceiras/os do campo religioso e das artes no território e na diversidade de representações territoriais confirmadas ou possíveis de serem mobilizadas.



- ★ Realizar convites para o planejamento e encontros específicos de planejamento.
- ★ Construir programação a partir da diversidade de expressões.
- ★ Garantir as sensibilidades, as danças, os cantos e as mensagens dos povos antes das falas convencionais que tratam dos objetivos e da programação do Encontro, assim como da apresentação das delegações regionais e estaduais.
- ★ Para finalizar, verificar a possibilidade de construir uma programação com apresentações artístico-culturais que busquem representar as diversidades de expressões e de identidades da agroecologia, com destaque para os povos originários.

BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO COMO ATO POLÍTICO

O que é?

No último dia do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), foi realizado um grande *Banquete Popular Agroecológico*, em que alimentos de qualidade, *in natura*, cultivados por agricultoras/es de todo o Brasil, foram preparados e oferecidos às pessoas presentes no Parque Municipal. O *Banquete* foi um ato político, um processo e uma ferramenta de diálogo com a sociedade, buscando mostrar a capacidade da agroecologia de produzir alimentos saudáveis em quantidade e qualidade suficientes para abastecer a população a preços justos.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Mesas de partilhas das Igrejas e dos movimentos sociais.
- ★ Mesas de alimentos da *Campanha Contra a Fome*.
- ★ Banquetaço do Movimento *Slow Food*.

Quais são os seus princípios?

- ★ Consagração e visibilização da abundância e da diversidade cultural e natural brasileira.
- ★ Reaproveitamento total de alimentos.
- ★ Mobilização e valorização do papel da cozinha, dos alimentos e do trabalho das/os cozinheiras/os.
- ★ Formação e intercâmbio entre cozinheiras/os.
- ★ Valorização dos sentidos, das texturas e combinações.
- ★ Resignificação das formas de ato político: **comer é um ato político**.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Sua construção nasce no campo, no cultivo e na colheita e cresce com os saberes e as artes de fazer, que dão formas, sabores e histórias aos ingredientes.
- ★ Unir agricultoras/es, produtoras/es, quitandeiras/os, cozinheiras/os e articuladoras/es para ofertar à população essa experiência de estarmos em torno da mesa como participantes ativas/os da história e dos rumos de nossa relação com o alimento e a terra.



ESPAÇO DA SAÚDE

O que é?

Ambiente de cuidado para as/os participantes do Encontro no próprio espaço do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Espaço de saúde agroecológica significando atendimento à saúde a partir das práticas integrativas e dos ofícios tradicionais (raizeiras, benzedadeiras e outras), geralmente considerados como complementares.
- ★ A motivação para a construção do espaço nasce do entendimento de que a exigência pela construção de estrutura de atendimento às urgências de saúde seria insuficiente e descontextualizada das práticas da agroecologia. Assim, nasce a vontade de se inspirar em outras iniciativas que propõem ambientes ampliados de cuidado, a partir da prática integrada de terapias, da complexidade da saúde e da agroecologia e de complementaridades das abordagens.
- ★ Diversos movimentos sociais constroem seus espaços de saúde, a exemplo do Coletivo de Saúde do MST em suas feiras e congressos, dos encontros da rede Pacari, dos encontros de raizeiras da Chapada dos Guimarães (MT), entre outros.

Quais são os seus princípios?

- ★ Respeito e valorização da diversidade de práticas.
- ★ Horizontalidade e não hierarquização das/os voluntárias/os envolvidas/os nas práticas de atendimento.
- ★ Promoção da saúde.
- ★ Compreensão da saúde em suas diferentes dimensões — saúde física, mental e espiritual.
- ★ Respeito à diversidade religiosa.
- ★ Envolvimento de diferentes representações étnicas e geracionais.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Construir os princípios e as orientações iniciais do espaço junto com a comissão organizadora.
- ★ Mobilizar voluntárias/os que praticam ofícios tradicionais de cura e práticas integrativas em saúde.
- ★ Construir recursos textuais, visuais e audiovisuais que detalhem a proposta.
- ★ Mobilizar por meio das redes sociais.
- ★ Apoiar as/os antenas territoriais, pois é preciso atentar para que as informações cheguem e acolham anciãs/ãos e mestras/es dos territórios.

- ✱ Pactuar se os materiais e insumos usados por cada pessoa serão responsabilidade coletiva ou individual.
- ✱ Planejar e construir o espaço físico de atendimento — preparando identidade visual, materiais explicativos e orientações básicas de localização.
- ✱ Garantir privacidade nas salas de atendimento e controle de entrada e saída.
- ✱ Construir um espaço inicial de acolhida: repouso, chás, músicas, ambientação e ornamentação.
- ✱ Promover encontros de formação, intercâmbio, colheita e feitura dos preparados e demais insumos.
- ✱ Construir ferramentas de organização e registro do trabalho, a exemplo do termo de voluntariado, da ficha e do livro de atendimentos.
- ✱ Organizar o tempo, o espaço e as práticas que serão disponibilizadas.
- ✱ Distribuir as escalas de atendimento a partir da disponibilidade do grupo de voluntárias/os e da diversidade de práticas.
- ✱ Realizar reunião presencial antes do início dos atendimentos.
- ✱ Mobilizar a equipe de comunicadoras/es para a cobertura do processo preparatório e dos atendimentos — a partir dos pactos coletivos.

- ✱ Garantir a autoidentificação dos ofícios tradicionais de cura, com salas específicas para medicinas indígenas, tradicionais e outras, como o *reiki*, a massagem e a acupuntura, por exemplo.
- ✱ Ofertar, no *Espaço da Saúde*, abertura para diálogo sobre saúde e cuidado, como nas rodas de conversa terapêuticas.
- ✱ Garantir oferta de práticas coletivas de saúde, tais como ioga, *tai chi chuan*, oficinas e outros.
- ✱ Viabilizar o acesso e o atendimento das pessoas que estão trabalhando na organização do Encontro: “Cuidar de quem cuida”.
- ✱ Não instrumentalizar, valorar e dar visibilidades individuais a pessoas que cuidam da saúde, entendendo essas práticas como coletivas e ancestrais.
- ✱ Cuidar da alimentação da equipe voluntária.
- ✱ Refletir sobre o uso e a disponibilidade de medicamentos alopáticos.



Para saber mais:

Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Âmbito do Sistema Único de Saúde (Pneps-SUS)
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html

BAMBUZARIA DA REFORMA AGRÁRIA

* Utilizamos esse termo, em vez de *bambuzeria*, mais usado, por ser de origem da língua portuguesa, e não francesa, e para reforçar e reconhecer um movimento de bambu agroecológico enraizado no Brasil.



“O bambu tem poder de curar, balança para cá, balança para lá, o bambu tem poder de curar.”

Canto da Bambuzaria da Reforma Agrária

O que é?

Movimento que utiliza a prática de construção de tendas e estruturas agroecológicas, garantindo sustentabilidade e maior autonomia comunitária para a produção de encontros e eventos, como alavanca para fazer emergir um potencial processo de arranjo de uma cadeia produtiva e formativa com foco em bambu.

Esse *design* das tendas, inspirado em arquitetura ancestral e sagrada, caracteriza-se por compor a Instalação Artístico-Pedagógica permanente do evento: a aldeia de bambu, que acolhe atividades de diálogo, reflexão e festejos do evento. Também é um processo coletivo sobre moradias sustentáveis, bioconstruções e consequências sociais e ambientais do uso constante e irracional de materiais de construção ditos *convencionais* (barra de minério de ferro e cimento, por exemplo).

Por que bambu?

O bambu é uma espécie e um bem natural disponível em diferentes territórios. Ainda pouco explorado, é discriminado e destruído, apesar de ter um enorme potencial para geração de renda e de bem viver (alimentação, artesanato, construção

civil, equipamentos para eventos, recuperação de áreas degradadas, uso medicinal, entre outras funções).

Raízes e processos preparatórios:

★ A experiência da bambuzaria tem raízes nos intercâmbios agroecológicos, nos *Terreiros Culturais* e nos encontros da Troca de Saberes (da Universidade Federal de Viçosa - UFV) animados pelo Ecoa, Núcleo de Agroecologia da UFV, em parceria com diferentes grupos, entre eles a OCA — cooperativa localizada em Viçosa (MG), — em parceria com o Programa de Extensão Teia e muitos grupos locais e regionais.

★ Para a instalação da estação de tratamento de bambu por vapor no Assentamento Denis Gonçalves em Goianá (MG), partiu-se da construção participativa do Terreiro Cultural Valmir Pulga no assentamento, em dezembro de 2017. Em seu processo preparatório, identificou-se potencial de assentadas/os não apenas interessadas/os, mas qualificadas/os para o trabalho com bambus, verdadeiras/os mestras/es de ofício, como também rica variedade de espécies de bambus já existentes. O processo comunitário se deu por meio

de mutirões coordenados pela própria comunidade, desde o levantamento dos locais de colheita, da própria colheita, limpeza, cozimento, corte até o lixamento e a montagem das estruturas, de fevereiro a maio de 2018.

Princípios:

- ★ Autonomia.
- ★ Sustentabilidade.
- ★ Bem viver.
- ★ Agrobiodiversidade.
- ★ Justiça social.
- ★ Organização social do trabalho.
- ★ Auto-organização comunitária.
- ★ Geometria sagrada.

Como fazer, dicas e sugestões:

Cada contexto e território tem suas tramas sociais, econômicas e ecológicas. Não há receitas e padrões, mas aqui compartilhamos algumas reflexões da nossa caminhada:

- ★ Conhecer o perfil e a disponibilidade dos bambus, suas características, os terrenos em que estão alocados e a possibilidade de manejo ecológico.
- ★ Mapear grupos de agroecologia, cultura, permacultura, bioconstrução, ecologia e saúde que atuem com bambus. Muito

além de identificar grupos prestadores de serviço e especialistas acadêmicos na área, a proposta aqui é conhecer as/os mestras/es, camponesas/es, indígenas e quilombolas que conhecem a arte do tratamento e uso dessa planta.

- ★ Valorizar a autonomia e a gestão do trabalho coletivo, as condições de segurança e o pagamento pelos serviços prestados pelas comunidades.
- ★ Construir calendários de mutirões e oficinas abertas é essencial.
- ★ Articular parcerias entre universidades, instituições públicas e demais parceiros locais é fundamental. As construções virarão patrimônio dos processos, podendo ser usadas inúmeras vezes. Viabilizar economicamente esse investimento é um dos pilares na construção de ambientes políticos e pedagógicos coerentes que potencializam o diálogo com a sociedade.
- ★ Pensar um sistema de tratamento do bambu, em local acessível. Ainda que grande parte do trabalho se viabilize pela solidariedade, é importante que exista uma equipe menor acompanhando o processo e garantindo os prazos.
- ★ Planejar o processo de instalação e conhecimento prévio dos espaços disponíveis. Pensar o conjunto de autorizações, em caso de espaços públicos. A segurança da equipe e o transporte das peças é fundamental.

COMUNICAÇÃO E CULTURA

O que é?

Processo de planejamento e atuação coletiva e integrada entre os coletivos de arte, comunicação e cultura. No IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), foram realizadas diferentes iniciativas, entre as quais estão:

- ★ *O Grande Bloco do Encontro* (ensaios abertos e articulação de musicistas locais).
- ★ Exibição de filmes, curtas e documentários em espaços abertos, como praças, e ocupação de salas e espaços públicos da cidade.
- ★ Ornamentação colaborativa (ver ficha específica, na p. 70 deste caderno).
- ★ *Ocupa Viaduto* (articulação e promoção de atividades em espaços de resistência cultural da cidade).
- ★ *Abertura Artístico-Político-Cultural* (ver ficha específica, na p. 52 deste caderno).
- ★ Vídeo de mobilização (produzido por mulheres como ferramenta de preparação).

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Movimento de resistência cultural e de luta pelo direito à cidade de Belo Horizonte (MG).
- ★ Experiência do Coletivo de Cultura e Comunicação da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

Quais são os seus princípios?

- ★ Descentralização, autonomia e confiança.
- ★ Comunicação leve, colorida e diversa.
- ★ Comunicação colaborativa e horizontal.
- ★ Ferramentas inspiradas nos saberes e nas práticas populares, em diálogo com os conhecimentos técnicos.
- ★ Intercâmbio.
- ★ Abertura.
- ★ Corresponsabilidade.
- ★ Territórios simbólicos na construção da agroecologia.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Mapear redes e coletivos de cultura, arte e comunicação do território — identificar redes de afetos, apoios e suas diferentes linguagens, expressões, demandas e ambientes.
- ★ Construir processos colaborativos e descentralizados a partir das redes externas, pulsantes nos territórios.
- ★ Produzir a programação a partir das diferentes habilidades.
- ★ Promover atividades abertas e formativas nas ruas, nas praças e nos espaços públicos: ocupar a rua é comunicar!
- ★ Ampliar parceiros e mobilizar recursos específicos para os grupos culturais e de comunicação que viabilizem deslocamento, alimentação, hospedagem e suporte a alguns serviços prestados.
- ★ Realizar atividades presenciais de formação e intercâmbio para o fortalecimento de vínculos.
- ★ Garantir suporte ao processo de mobilização e preparação do coletivo.
- ★ Ocupar os espaços virtuais das redes de comunicação das organizações e redes, de parceiros e da imprensa tradicional, a partir de diferentes frentes e estratégias de comunicação.

OCUPAR A RUA É COMUNICAR!

RIO DA VIDA DAS MULHERES

O que é?

O *Rio da Vida das Mulheres* tem como objetivo resgatar a contribuição feminina ao longo da história da agroecologia e ao mesmo tempo revisitar e reconstruir as trajetórias de vida de cada mulher, a partir de suas lembranças sobre as experiências e os acontecimentos. Visualmente, essa memória coletiva é apresentada como um rio, que nasce de um fio de água e, em seu percurso, vai se adensando, crescendo, recebendo folhas, pedras e outras águas, indo em direção ao mar.

Quais são as raízes da metodologia?

O *Rio da Vida das Mulheres* incorpora contribuições de outras metodologias³, que têm como fundamentos o resgate das experiências de construção do ser mulher e da identidade de gênero e a organização das histórias em uma linha do tempo, o que possibilita que cada mulher repense sua trajetória de vida e a história da agroecologia, a partir de marcos temporais e ao lado de outras companheiras, identificando aspectos que dizem respeito às suas realidades particulares e aos

elementos que são compartilhados com outras mulheres, ao se articularem em uma dimensão social mais ampla.

O *Rio da Vida* ganhou força no ano de 2017 como uma forma de enfrentamento à exclusão feminina no painel sobre a Memória da Agroecologia, promovido pela Sociedade Científica Latino-Americana de Agroecologia (Socla) durante o X Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA). Em resposta à desconsideração da contribuição das mulheres, essa metodologia foi utilizada desde então e ao longo de todo o processo preparatório do IV ENA nos diferentes territórios como ferramenta fundamental de visibilização da participação efetiva das mulheres desde as origens da agroecologia.

Princípios da metodologia:

★ **Processo de construção coletivo:** é a partir do olhar coletivo que se reconstrói a história ao longo do tempo, trazendo à tona a contribuição das mulheres no movimento agroecológico.

★ **Interdependência entre o individual e o coletivo:** em entendimento de que

3. A exemplo do *Rio da Vida das Mulheres* e da *Linha da Vida*, que recuperam aprendizados da experiência maoísta e de grupos de autoconsciência feminista da década de 1960.

“o pessoal é político”, a metodologia articula experiências particulares e coletivas, uma vez que os processos de violência e de resistência se localizam dentro de uma realidade social e histórica mais ampla, marcada pela organização patriarcal, machista, capitalista e racista que estrutura a sociedade.

★ **Valorização das diferentes gerações:** o olhar temporal cede lugar a todas, desde quem está há décadas na construção da agroecologia até quem chegou há poucas semanas. “Todas as mulheres são guardiãs da história!”

★ **Ancestralidade:** o olhar retrospectivo permite o reconhecimento do legado das nossas antecessoras, sobretudo das mulheres negras e indígenas, que, mesmo sem nomear como *agroecologia*, já conservavam práticas e saberes tradicionais agroecológicos. “A história tem um fluxo e um desaguar!”

★ **Diversidade e inclusão:** diante da impossibilidade de reunir todas as que constroem a memória da agroecologia, escrever o nome das mulheres e carregá-lo nos encontros é uma forma simbólica de tornar presente a contribuição das mulheres que permanecem nas bases e mesmo daquelas que não estão mais fisicamente entre nós.

★ **Articulação corpo-território:** os rios que são representados guardam lastro real com os rios físicos dos territórios, assim como a memória de cada mulher está em conexão com a natureza e com as lutas que constrói em seu lugar de origem.

★ **Materialização da memória:** ao representar visualmente os rios, a metodologia não se esgota na oficina de construção, mas cria uma memória permanente das mulheres, que dá materialidade e visibilidade às experiências delas na construção da agroecologia.

Como fazer, dicas e sugestões:

A proposta é que a memória da agroecologia seja reconstruída coletivamente, a partir de histórias, vivências e lembranças contadas pelas mulheres. Para tanto, sugere-se que a dinâmica seja conduzida em três etapas:

★ Subdividir as participantes em grupos de trabalho, para recuperar acontecimentos ocorridos ao longo das décadas (1980, 1990, 2000 e 2010) e registros de eventos, nomes e marcos importantes para a agroecologia no país.



- ★ Desenhar o Rio da Vida em um cartaz ou em outro material que dê visibilidade às informações registradas pelos grupos, refazendo um percurso histórico cronológico.

- ★ Socializar os Rios da Vida pelos diferentes grupos, com os principais processos ocorridos na década que lhes coube analisar, e enriquecer o rio a partir da contribuição de lembranças despertadas pelas participantes dos outros grupos.

Dica de apresentação do material:

A experiência tanto do CBA quanto da *Plenária das Mulheres* no IV ENA trouxe como possibilidade a repercussão mais ampla dos Rios da Vida, a partir da apresentação dos materiais para o público externo à oficina. No CBA, as mulheres ocuparam o congresso carregando cartazes com o rio de memórias e com a palavra de ordem: “A nossa luta é todo dia, somos memória da agroecologia”. Já no IV ENA, as mulheres fizeram uma apresentação mística, com a entrada simbólica dos rios Amazonas, Araguaia, São Francisco, Doce e Paraná, apresentados por representantes das diferentes regiões e com músicas adaptadas às culturas regionais. Foi feito também um momento de cura simbólica do Rio Doce, articulando as diferentes crenças trazidas pelas participantes e corporificando a luta que as mulheres travam contra a mineração nos seus territórios.



ACAMPAMENTO DAS JUVENTUDES

O que é?

Na perspectiva de fortalecer a importância política e o poder da força coletiva, o *Acampamento das Juventudes* é o espaço construído pelas/os e para as/os jovens. A proposição de que as juventudes tivessem tarefas específicas e espaços de troca de experiências, diálogo e convivência durante o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) é uma demanda histórica e estratégica para construir e promover com muita ousadia a agroecologia.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Experiência do movimento estudantil.
- ★ Prática de organização dos movimentos sociais do campo.
- ★ Rede Brasileira de Grupos de Agroecologia.

Quais são os seus princípios?

- ★ Autogestão.
- ★ Corresponsabilidade.
- ★ Gestão de resíduos.
- ★ Cultura popular.
- ★ Disciplina.
- ★ Respeito às diversidades.

“Todo mundo cuida de si e da/o outra/o”, “Todas/os cuidam do espaço”. É a partir da construção coletiva que todas/os são convidadas/os para manter organizado o espaço que as/os acolhe. Os acordos foram feitos no primeiro dia do IV ENA, na chegada das/os jovens ao *Acampamento*: horário de acordar para as atividades, limpeza dos banheiros, levar os resíduos para a composteira e horários de saída dos ônibus para as atividades no Parque Municipal de Belo Horizonte (MG).

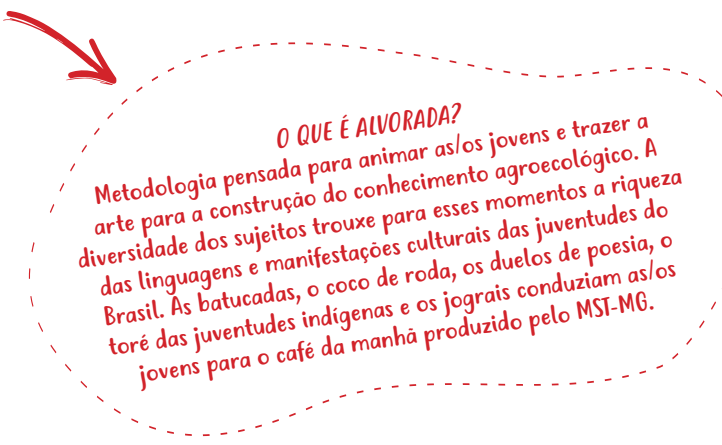
Como fazer, dicas e sugestões:

Para a construção do *Acampamento das Juventudes*, o Grupo de Trabalho (GT) Juventudes realizou alguns encontros de mobilização de parceiros. A proposta era beber das metodologias de outros processos e construir o acampamento de forma coletiva. Nesse momento, foi criado um grupo de WhatsApp — com referências do GT Juventudes e integrantes da Rede dos Grupos de Agroecologia (Rega Brasil) e do GT Juventudes da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) — e ampliado o diálogo com o Fórum das Juventudes da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A metodologia do espaço foi construída para que ele fosse mais que um dormitório; o acampamento veio como proposta também de ser um espaço autogestionado,

de hospedagem popular, de mobilização e integração das juventudes do movimento agroecológico. Durante as manhãs do Encontro, as juventudes foram despertadas pela *Alvorada*.

É importante mapear experiências sistematizadas de construção de acampamentos; conhecer o espaço, a região onde será construído o acampamento; e, a partir disso, iniciar o desenho do lugar. Outra dica é lembrar que os encontros nacionais agregam pessoas de diferentes climas. Durante o IV ENA, as/os jovens das regiões onde faz mais calor no país foram avisadas/os para trazer roupas mais quentes. Uma campanha do agasalho também foi articulada, e as doações permitiram que todas/os estivessem preparadas/os para os dias de frio de Belo Horizonte. É preciso pensar estrategicamente os espaços de convívio, de dormitório, de *camping*, dos banheiros. Na chegada ao



O QUE É ALVORADA?
Metodologia pensada para animar as/os jovens e trazer a arte para a construção do conhecimento agroecológico. A diversidade dos sujeitos trouxe para esses momentos a riqueza das linguagens e manifestações culturais das juventudes do Brasil. As batucadas, o coco de roda, os duelos de poesia, o toré das juventudes indígenas e os jograis conduziam as/os jovens para o café da manhã produzido pelo MST-MG.

espaço, é necessário que o ambiente seja apresentado e que os acordos coletivos sejam feitos. É importante também criar frentes de trabalho para os dias em que estarão juntas/os. A harmonia e o cuidado consigo, com as outras pessoas e com o espaço são os princípios básicos para a construção de um ambiente saudável de integração.

ENCONTROS REGIONAIS DE AGROECOLOGIA (ERÊS)



*“O ENA já começou e começa onde estivermos.
Os ERÊs são pequenos ENAs que podem
acontecer onde quisermos.”*

O que são?

Encontros Regionais de Agroecologia preparatórios realizados de forma descentralizada e territorializada. Ao compreender os Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs) como processos muito anteriores aos dias de sua culminância, os encontros regionais são espaços plurais de preparação, escuta, articulação, estudo e planejamento. Os encontros podem ser regionais (Centro-Oeste, Sul, Sudeste, Norte e Nordeste); ou acontecer por território: Vale do Ribeira, Chapada dos Guimarães; ou ser temáticos ou identitários, como das juventudes, de comunicadoras/es, sobre sementes crioulas, agrobiodiversidade, entre outros.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Garantia de processos preparatórios descentralizados.
- ★ Anúncios e denúncias dos territórios.

Quais são os seus princípios?

- ★ Envolvimento da rede de organizações, movimentos e grupos atuantes nos territórios.
- ★ Abertura e participação das juventudes nos processos de preparação, concepção e mobilização dos encontros.
- ★ Abertura e escuta de novos grupos, formatos e metodologias.
- ★ Planejamento do processo de sistematização e comunicação popular.



Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Construir reunião de planejamento e sonho coletivo (presencial e virtual).
- ★ Mobilizar diversos parceiros do território.
- ★ Aproveitar agendas já previstas para reuniões presenciais de preparação.
- ★ Dividir descentralizadamente tarefas e mobilizar antenas (pessoas de referência indicadas para articulação e para dar apoio) por estados ou territórios, construindo, portanto, comissões, a exemplo do ENA.
- ★ Garantir momentos de intercâmbio e vivência para além dos espaços formais e convencionais da programação.
- ★ Estimular o diálogo e a participação dos povos e das comunidades na coordenação do Encontro.



ORNAMENTAÇÃO

O que é?

Processo colaborativo de construção da ornamentação a partir de recursos e habilidades disponíveis e pulsantes, que colaborem para expressar a identidade do Encontro, trazendo a força visual e política que se deseja comunicar.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Comunicação popular.
- ★ Arte de rua.
- ★ Planejamento estético e sensível.

Quais são os seus princípios?

- ★ Reaproveitamento dos materiais.
- ★ Articulação com movimentos sociais — catadoras/es, artesãs/ãos.
- ★ Uso de materiais naturais.
- ★ Valorização dos saberes e fazeres locais.
- ★ Uso racional de produtos químicos e de plásticos.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Articular grupos e artesãs/ãos locais.
- ★ Mapear recursos naturais disponíveis.
- ★ Articular processos com estudantes de Artes, Arquitetura e Comunicação.
- ★ Realizar oficinas de formação e feitura.
- ★ Pensar processos de produção simples e replicáveis.
- ★ Pensar mensagens claras, diretas e sintéticas.
- ★ Valorizar o potencial artístico das/os parceiras/os.
- ★ Promover oficinas em locais abertos.





LIXO ZERO – RECICLAGEM POPULAR

O que é?

Processo no qual catadoras/es, assessoras/es técnicas/os, agricultoras/es e a sociedade tiveram a oportunidade de discutir sobre a reciclagem popular, articulada com a prática de lixo zero, e ver de perto a gestão de resíduos, através do “Reciclômetro”. Foram geradas 2,49 toneladas de resíduos no evento. Desse total, 86% foram recuperados!

 **760 KG RECICLADOS (30,5%)**

 **1.380 KG COMPOSTADOS (55,5%)**

 **350 KG DE REJEITOS ATERRADOS (14%)**

Quais são as principais raízes e os princípios dessa metodologia?

- ★ Articulação com os movimentos sociais — catadoras/es de materiais recicláveis.
- ★ Coerência entre discurso e prática.
- ★ Redução dos impactos na geração de resíduos.
- ★ Fortalecimento e geração de renda para os movimentos sociais.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Definir local de entrega voluntária: foi apresentado o Leva, espaço de integração da reciclagem popular com a comunidade, a ser implementado no Corredor Agroecológico Arrudas.
- ★ Separar os resíduos do evento em: recicláveis, orgânicos e rejeitos.
- ★ Os recicláveis secos foram tratados pela Coopesol-Leste, gerando trabalho e renda para as/os catadoras/es.
- ★ Os resíduos orgânicos foram compostados no Centro de Vivência em Agroecologia do Taquaril (Cevae Taquaril) e se transformaram em adubo para as/os agricultoras/es, materializando, assim, na prática, a convergência e integração das lutas da agroecologia e da reciclagem popular.
- ★ Articulação de parceiros, a exemplo do IV ENA, que foram: Coopesol-Leste, Spiralixo, Rede Lixo Zero Santa Tereza, Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (Insea), Núcleo Alter-Nativas de Produção da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Cevae Taquaril, Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte (SLU) e Subsecretaria de Segurança Alimentar (Susan/PBH), bem como a Comissão de Alimentação do evento.

CAMINHOS ALTERNATIVOS
POSSÍVEIS E MAIS DO QUE
NECESSÁRIOS



FEIRA SABERES E SABORES

O que é?

Ambiente de integração e conexão entre pessoas, entre o cultivo e o consumo de alimentos e demais produtos, que permite a geração de renda, a comunicação direta com diferentes grupos sociais e que constrói oportunidades concretas de diálogo entre campo e cidade.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Feiras livres de rua.
- ★ Mercados populares.
- ★ Feiras da reforma agrária.
- ★ Festivais de alimentação.

Quais são os seus princípios?

- ★ Economia solidária.
- ★ Agroecologia.
- ★ Educação popular.
- ★ Comunicação popular.
- ★ Arquitetura ecológica.
- ★ Produção de baixo custo.

- ★ Ocupação de espaços públicos.
- ★ Preços justos e populares.
- ★ Diálogos e processos diversos, integrados e humanizados.
- ★ Acolhimento de produções resultantes de processos coletivos e populares.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Formar comissão com pessoas de experiências diversas (garantir a participação de agricultoras/es desde o início).
- ★ Definir coordenação, papéis e demais responsabilidades (desenho do planejamento inicial).
- ★ Mapear integrantes, espaços, infraestrutura (fortalecimento de circuitos curtos, com a participação diversa e equilibrada de diferentes expressões do movimento agroecológico, a exemplo de movimentos sociais, sindicatos, coletivos de mulheres, terapeutas, artesãs/ãos, musicistas, movimento de consumidoras/es).
- ★ Promover articulação com o poder público e com outros parceiros (empréstimos de barracas, por exemplo).

- ★ Definir os pactos políticos, econômicos (preços justos) e solidários da *Feira* com a Comissão Organizadora Geral a serem apresentados previamente às pessoas interessadas em expor seus produtos.

- ★ Construir a ficha de caracterização dos grupos interessados em participar (demanda de infraestrutura, perfil dos produtos, perfil do coletivo).

- ★ Construir licenças e demais liberações para instalação e operação.

- ★ Articular e divulgar regras de horário, transporte e ocupação dos espaços.

- ★ Dialogar com as/os antenas estaduais, regionais e comunitárias/os para a divulgação dos pactos, da ficha e da proposta da *Feira*, definindo prazos de inscrição.

- ★ Realizar reunião prévia com antenas e, se possível, com as pessoas representantes dos coletivos para pactuação do processo de implantação e funcionamento da *Feira*.

- ★ Durante a reunião ou no primeiro dia da *Feira*, garantir divisão de tarefas entre as/os próprios/as feirantes, por delegações, regiões ou outra lógica, para assegurar alimentação, segurança, limpeza e outros cuidados coletivos.

- ★ Pactuar, entre a equipe da *Feira*, estratégias de comunicação, montagem e desmontagem, identificação, coleta de informações de caracterização e outros balanços.

- ★ Se possível, articular equipe de voluntárias/os.

Aprendizados:

No IV ENA, sentimos a necessidade de estender e qualificar a *Praça de Alimentação*, articulando esse espaço de maneira mais estratégica e cuidadosa. Avaliamos que é preciso ampliar, diversificar e construir política de preços que torne o espaço mais democrático. Outra sugestão para o próximo ENA é a construção de subsídio para que agricultoras/es e demais representantes das comunidades tradicionais acessem a *Feira*. Um dos exemplos citados foi o *Congresso Brasileiro de Agroecologia*, que, em sua décima edição, realizada em Brasília, ofereceu uma “cota de tickets” para a categoria de inscrição “agricultoras/es”. Vale ainda a reflexão sobre a não comercialização de cervejas transgênicas, tendo-se o cuidado de garantir preços justos e diferenciados para grupos distintos.

ACOLHIDA, CUIDADOS E CREDENCIAMENTO

O que é?

Processo de mobilização, acolhida e credenciamento das/os participantes do Encontro.

Quais são as principais raízes dessa metodologia?

- ★ Memórias do III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA).

Quais são os seus princípios?

- ★ Cuidado integrado.
- ★ Participação e valorização das juventudes.
- ★ Conscientização de que algumas ações não poderão ser previstas e controladas em sua totalidade, sendo imprescindível planejar diferentes cenários e levar em consideração um ambiente de riscos e incertezas, haja vista a situação da greve das/os caminhoneiras/os que atravessou o IV ENA.
- ★ Responsabilidade compartilhada entre as Comissões Nacional e Local.
- ★ Respeito às diferentes habilidades.
- ★ “Não sofrer” com o que não é possível mudar.

- ★ Garantia de intercâmbio entre a equipe de produção e as experiências dos movimentos sociais e dos territórios.

- ★ Garantia da *Ciranda* e cuidados para as crianças desde o credenciamento.

- ★ Mapeamento de restrições alimentares, de mobilização e demais especificidades.

Como fazer, dicas e sugestões:

- ★ Realizar oficinas preparatórias de planejamento e formação em produção de encontros, com todas as comissões do ENA.
- ★ Nessas oficinas, produzir e definir coletivamente atribuições, demandas, estruturas e percurso operativo de cada ação da comissão.
- ★ Identificar e manter presentes as preocupações com a produção, nos encontros de concepção do evento, garantindo antecipação de licenças, contratações e produção de estruturas.
- ★ Definir prazos para inscrições e suas eventuais modificações, de modo que o credenciamento seja finalizado previamente.

★ Assegurar credenciamento descentralizado pelos territórios e antenas, garantindo distribuição por coletivos de ônibus, estados ou delegações.

★ Definir antena da Comissão Organizadora que acompanhará o credenciamento.

★ Descrever o passo a passo do credenciamento.

★ Distribuir os quartos em cada hospedagem de forma descentralizada por antena.

★ Garantir descentralização das tarefas de preparação nos territórios, definindo antenas diferentes para processos diferentes. As/Os antenas das inscrições, das hospedagens e dos transportes precisam ter disponibilidade e habilidade para a produção de planilhas, acesso à internet e, preferencialmente, não devem participar de outras comissões sem que exista suplente ou duplas de trabalho.

★ Prever o *Espaço da Saúde* próximo ao credenciamento, para promover o cuidado das/os participantes logo na chegada.

★ Garantir equipe de cuidado ao pessoal de credenciamento e acolhida, bem como à Comissão Organizadora.

★ Não tornar o credenciamento um requisito obrigatório para que se tenha acesso à alimentação.

★ Usar ferramentas e aplicativos construídos em *softwares* livres e seguros (autonomia e segurança dos movimentos sociais) para algumas ações de credenciamento (cálculos, geração de certificado, entre outras).

★ Garantir que todas as informações sobre o credenciamento sejam descritas, socializadas e pactuadas coletivamente.

★ Verificar tarefas que carecem de prazos fixos: hospedagem, alimentação e credenciamento.

APRENDIZADOS E INSPIRAÇÕES: PARTILHANDO DESAFIOS E REFERÊNCIAS

PARTILHA DE APRENDIZADOS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

DESENHO DA EQUIPE

A equipe de metodologia do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi muito grande e pouco operativa: representantes das organizações e dos movimentos faziam parte da comissão, mas houve dificuldade de assumir e realizar tarefas, descentralizando as responsabilidades da Comissão Organizadora Local. Dessa forma, caso as organizações, as redes e os Grupos de Trabalho (GTs) desejem participar dessa construção, para além das reuniões de planejamento, é preciso haver uma divisão prévia de tarefas e compartilhamento das ações práticas relacionadas à viabilização dos processos coletivos.

FACILITAÇÃO GRÁFICA

É importante realizar oficinas prévias presenciais e formações virtuais para popularizar, ampliar e qualificar a equipe. Essa metodologia tem grande potencial na construção do conhecimento agroecológico, especialmente enquanto linguagem para as juventudes dos territórios comunicarem suas realidades.

SISTEMATIZAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA

É preciso mais pessoas liberadas para as atividades de sistematização, comunicação e cultura, coordenando e integrando os processos e criando blocos/frentes de trabalho para os diferentes momentos da programação.

RELATORIA

Entre tantos aprendizados neste processo de feitura, transbordam a importância e a necessidade de maior carinho e investimentos nas relatorias, suas equipes e condições de trabalho. Esse cuidado sempre se reflete na qualidade da memória e dos registros, que se tornam legados para nossas lutas, nossos anúncios e resistências conjuntas.

CIRANDA INFANTIL

São fundamentais maior integração e interação com a programação (crianças poderiam ter espaço na Plenária Final, como fazem alguns movimentos sociais).

INSTALAÇÕES PEDAGÓGICAS E FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE

É importante ter espaço de intercâmbio e socialização; outra sugestão é que as instalações possam ser realizadas durante o dia e até o começo da tarde (ao fim da tarde, a visualização fica comprometida). Há maior necessidade de apoio das/os antenas e de qualificar metodologias de apresentação das pessoas por tenda.



INSPIRAÇÕES – REFERÊNCIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

ABA-Agroecologia. *Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico*. Organização de André Biazoti, Natália Almeida, Patrícia Tavares. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 2017. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/caderno-de-metodologia>.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *Ensinar e aprender*. Tradução de Marina Brandão Machado. Rio de Janeiro: Instituição Cultural Krishnamurti, 1980.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LUZZI, Nilsa. *O debate agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores*. 2007. 182 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RIGOTTO, Raquel Maria; AGUIAR, Ada Cristina Pontes; RIBEIRO, Livia Alves Dias (org.). *Tramas para a justiça ambiental: diálogo de saberes e praxis emancipatórias*. Fortaleza: UFC, 2018. Disponível em: <http://www.editora.ufc.br/68-livros-digitais/942-temas-para-a-justica-ambiental-dialogo-de-saberes-e-praxis-emancipatorias>.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

SCHMITT, C. J.; TYGEL, D. Agroecologia e economia solidaria: trajetórias, confluências e desafios. In: PETERSEN, Paulo (org.). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p. 105-127.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-87116-33-8



9 788587 116338

REALIZAÇÃO



CA 0776/001/2017



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

PATROCÍNIO



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DE MINAS GERAIS



CEMIG
MÚLTIPLA ENERGIA, SUA FORÇA



MINAS
GERAIS



BNDES



BRASIL

APOIO



ACTIONAID



FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO



SEMEAR
INTERNACIONAL



FIDA



IICA



terre des hommes
suisse



terre des hommes
schweiz



PGM



CESE



ccfd-terre solidaire



PREFEITURA
BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA



Brot
für die Welt



HEKS
EPER



HEINRICH BÖLL STIFTUNG
BRASIL



MISEREORE



FICRUZ



FUNDO
AMAZONIA



FUNDO
AMAZONIA



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
SOCIAL



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO

INCENTIVO



+CULTURA



MINAS
GERAIS